



pentagrama

Lectorium Rosicrucianum

O cântico de louvor secreto de Hermes

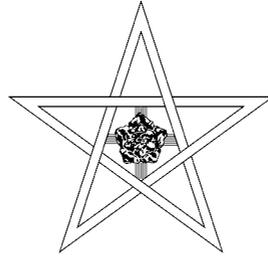
Sobre o Noûs e o homem

Pérolas do hermetismo

Como um sorriso que vem do céu

Pitágoras e sua escola

Uma investigação em sete partes

**Edição**

Rozekruis Pers

Redação Final

P. Huijs

Redação

K. Bode, W.v.d. Brul, A. Gerrits,
H.v. Hooreweghe, P. Huijs, H.P. Knevel,
F. Spakman, A. Stokman-Griever,
G. Uljée, L. v.d. Brul

Diagramação

Studio Ivar Hamelink

Secretaria

K. Bode, G. Uljée

Redação

Pentagram
Maartensdijkseweg 1
NL-3723 MC Bilthoven, Países Baixos
e-mail: info@rozekruispers.com

Edição brasileira

Pentagrama Publicações
www.pentagrama.org.br

Administração, assinaturas e vendas

Pentagrama Publicações
C.Postal 39 13.240-000 Jarinu, SP
livros@pentagrama.org.br
assinaturas@pentagrama.org.br
Assinatura anual: R\$ 80,00
Número avulso: R\$ 16,00
Números de anos anteriores R\$ 8,00

Responsável pela Edição Brasileira

M.V. Mesquita de Sousa

Coordenação, tradução e revisão

J.C. de Lima, N. Soliz, J.Jesus, S.P. Cachemaille, M.M.R.
Leite, L.M. Tuacek, L.A. Nepomuceno, M.B.P. Timóteo,
M.D.E. de Oliveira, M.R.M. Moraes, M.L.B. da Mota,
R.D. Luz, F. Luz, R.J. Araújo, U.B. Schmid, J.A. Reis

Diagramação, capa e interior

D.B. Santos Neves

Lectorium Rosicrucianum**Sede no Brasil**

Rua Sebastião Carneiro, 215, São Paulo - SP
Tel. & FAX: (11) 3208-8682
www.rosacruzaurea.org.br
info@rosacruzaurea.org.br

Sede em Portugal

Travessa das Pedras Negras, 1, 1º, Lisboa
www.rosacruzlectorium.org
escola@rosacruzaurea.org

© Stichting Rozekruis Pers
Proibida qualquer reprodução sem
autorização prévia por escrito

ISSN 1677-2253

Revista Bimestral da Escola Interna- cional da Rosacruz Áurea Lectorium Rosicrucianum

A revista Pentagrama dirige a atenção de seus leitores para o desenvolvimento da humanidade nesta nova era que se inicia.

O pentagrama tem sido, através dos tempos, o símbolo do homem renascido, do novo homem. Ele é também o símbolo do Universo e de seu eterno devir, por meio do qual o plano de Deus se manifesta. Entretanto, um símbolo somente tem valor quando se torna realidade. O homem que realiza o pentagrama em seu microcosmo, em seu próprio pequeno mundo, está no caminho da transfiguração.

A revista Pentagrama convida o leitor a operar essa revolução espiritual em seu próprio interior.

pentagrama

ano 35 2013 número 5

“Em seguida, deixei para trás esse lugar e subi para a primeira esfera que brilhava sobremaneira, e era, portanto, quarenta e nove vezes mais forte do que na ocasião em que estive no firmamento. Quando cheguei ao portal da primeira esfera, os portões moveram-se e abriram-se todos ao mesmo tempo. Entrei nas casas da esfera, que brilhava intensamente em imensurável luz, e todos os arcontes e habitantes da esfera ficaram aflitos.”

(*Pistis Sophia*, Livro I, versículo 12)

Aqui se fala a respeito do campo solar. O evangelho *Pistis Sophia* denomina esse campo “a primeira esfera”. É o campo do sistema solar ao qual pertence a Terra. Para conseguir sair desse campo, a luz da terceira veste-de-luz deve ter uma luminosidade quarenta e nove vezes mais forte do que durante a viagem através da esfera refletora. O que é fundamentalmente dialético, fraco, insignificante, torna-se forte, majestoso, porque uma força gnóstica vibra e irradia através de todo o Universo da morte, resistindo a qualquer controle dialético e contrariando toda a compreensão científica. Se o homem está ligado a essa força gnóstica como filho de Deus, escapa do âmbito dialético e de todos os seus dirigentes.

J. van Rijckenborgh, *Os mistérios gnósticos da Pistis Sophia*



Estrada para o sol

o cântico de louvor secreto 2
sobre o renascimento e a iniciação

sol 5, 35, 43, 46

sobre o noûs e o homem 6

- I pérolas do hermetismo
- II deus, cosmo, homem 9
- III o homem é um deus mortal 11
- IV a inspiração pelo noûs 13
- V o despertar do noûs 14

como um sorriso que vem do céu 16

pitágoras e sua escola

– uma investigação em sete partes 18

- I uma ideia de 2.600 anos
- II o mito de dioniso 19
- III a *tetractys* 21
- IV a recuperação da tríade 23
- V os versos áureos 24
- VI sobre as quatro ciências objetivas 28
- VII detrás da cortina 30

a revolução mundial da alma 37
impressões sobre o caminho:
experiência de um aluno

vagando na terra de ninguém 44
sobre o não saber e além

o cântico de louvor secreto

A gnosis hermética de Hermes Trismegisto oferece sobre o mundo e o homem uma visão tríplice da criação perfeitamente manifestada na forma, à qual o ser humano pode integrar-se de modo consciente. Para tanto, é necessário que ele aprenda a conhecer a alma e tomá-la por guia. Em seguida, a alma interioriza-se a fim de refletir sobre o que é verdadeiro e justo. No Tratado 14 do *Corpus Hermeticum*, Hermes e Tat – isto é, o Noûs (a alma-espírito) e o homem que sabe ouvir – elevam um cântico de louvor ao Criador único e infinito.

Tat: Ó Pai, eu gostaria de ouvir o cântico de louvor que, como me contaste, ouviste cantar às forças quando atingiste a Ogdóada!

Hermes: Conforme o que Pimandro desvelou na Ogdóada, aprovo tua pressa em demolir essa tenda; porque agora és inteiramente puro. Pimandro, o Espírito, nada mais me revelou do que escrevi, sabendo que eu mesmo estou em condição de tudo compreender e ouvir, e ver tudo o que quiser; e ele me mandou fazer tudo que fosse bom. Por isso, em todas as coisas as forças que estão em mim cantam.

Tat: Ó Pai, eu também quero ouvir e conhecer tudo isso.

Hermes: Silencia-te, então, meu filho, e escuta o cântico de louvor, o hino do renascimento. Não era minha intenção fazê-lo conhecido sem mais, com exceção de ti, que chegaste ao fim dessa iniciação. Esse cântico de louvor não se ensina, porém fica oculto no silêncio. Coloca-te, então, num lugar em pleno ar, com o rosto voltado em direção ao vento sul após o pôr do sol, e aí adora; e faz a mesma

coisa ao nascer do sol, porém agora voltado para o Leste. E então, meu filho, silencia-te.

O CÂNTICO DE LOUVOR SECRETO Que a inteira natureza do cosmo escute este cântico de louvor! Abre-te, ó terra! Que as águas do céu abram suas comportas ao ouvir minha voz! Permanecei imóveis, ó árvores! Porque quero cantar louvor ao Senhor da criação, ao Todo e ao Uno! Abri-vos, ó céus! Silenciai, ó ventos! A fim de que o ciclo imortal de Deus possa ouvir a minha palavra. Porque vou cantar o louvor daquele que criou o Todo, que indicou à terra seu lugar e estabeleceu o céu; que ordenou à água doce sair do oceano e estender-se sobre a terra habitada e desabitada, a serviço da existência e da continuação da vida de todos os homens; que ordenou ao fogo arder para todo o fim que deuses e homens quiserem dar-lhe.

Que todos nós, em conjunto, louvemos a ele, que está acima de todos os céus, o criador da inteira natureza. Ele que é o olho do Espírito; a ele seja o louvor de todas as forças.

Ó vós, forças que estais em mim; cantai o



Hermes é. Hermes é o verdadeiro homem celeste que passou pelas portas da Cabeça Áurea. Por isso ele é denominado também “Trismegisto”, o “Três Vezes Grande” ou o “três vezes elevado”. É evidente que o homem celeste está elevado em sentido tríplice, ou seja, no sentido religioso, no sentido científico e no sentido artístico. Religião, ciência e arte formam nele um triângulo equilátero.

J. van Rijckenborgh



Giovanni Fattori (1829–1908), Pôr do sol à beira-mar, cerca de 1890

louvor do Uno e do Todo; cantai conforme a minha vontade, ó vós, forças que estais em mim. Gnosis, ó sagrado conhecimento de Deus, iluminado por ti, é-me dado cantar à luz do saber e regozijar-me no júbilo da alma-espírito. Ó vós, todas as forças, cantai comigo esse cântico de louvor! E, ó tu, modestia, e tu, justiça em mim, cantai por mim o justo.

Ó amor ao Todo em mim, canta em mim o Todo; louva, ó verdade, a Verdade; louva, ó bondade, o Bem.

De ti, ó vida e luz, vem o cântico de louvor e a ti ele volta.

Agradeço-te, Pai, que manifestas as forças.

Agradeço-te, Pai, que impeles a potência à atividade.

Teu Verbo por mim canta teu louvor. Recebe por mim o Todo, como Verbo, como oferenda do Verbo.

Ouve o que as forças em mim clamam: elas cantam o Todo, elas cumprem tua vontade.

Tua vontade dimana de ti, e tudo retorna a ti. Recebe de todos a oferenda do Verbo!

Salva o Todo que está em nós. Ilumina-nos, ó Vida, Luz, Alento, Deus! Porque a alma-espírito é a guardiã de teu Verbo!

Ó portador do Espírito, ó Demiurgo, tu és Deus! Isso proclama o homem que te pertence, pelo fogo, pelo ar, pela terra, pela água, pelo espírito, por tuas criaturas.

Recebi de ti esse cântico de louvor vindo da eternidade, assim como a quietude que busquei, e encontrei pela tua vontade.

Tat: Vi como, segundo a tua vontade, esse cântico de louvor deve ser cantado, Pai.

Enunciei-o agora também em meu mundo.

Hermes: Dize, meu filho: no verdadeiro mundo, no mundo divino.

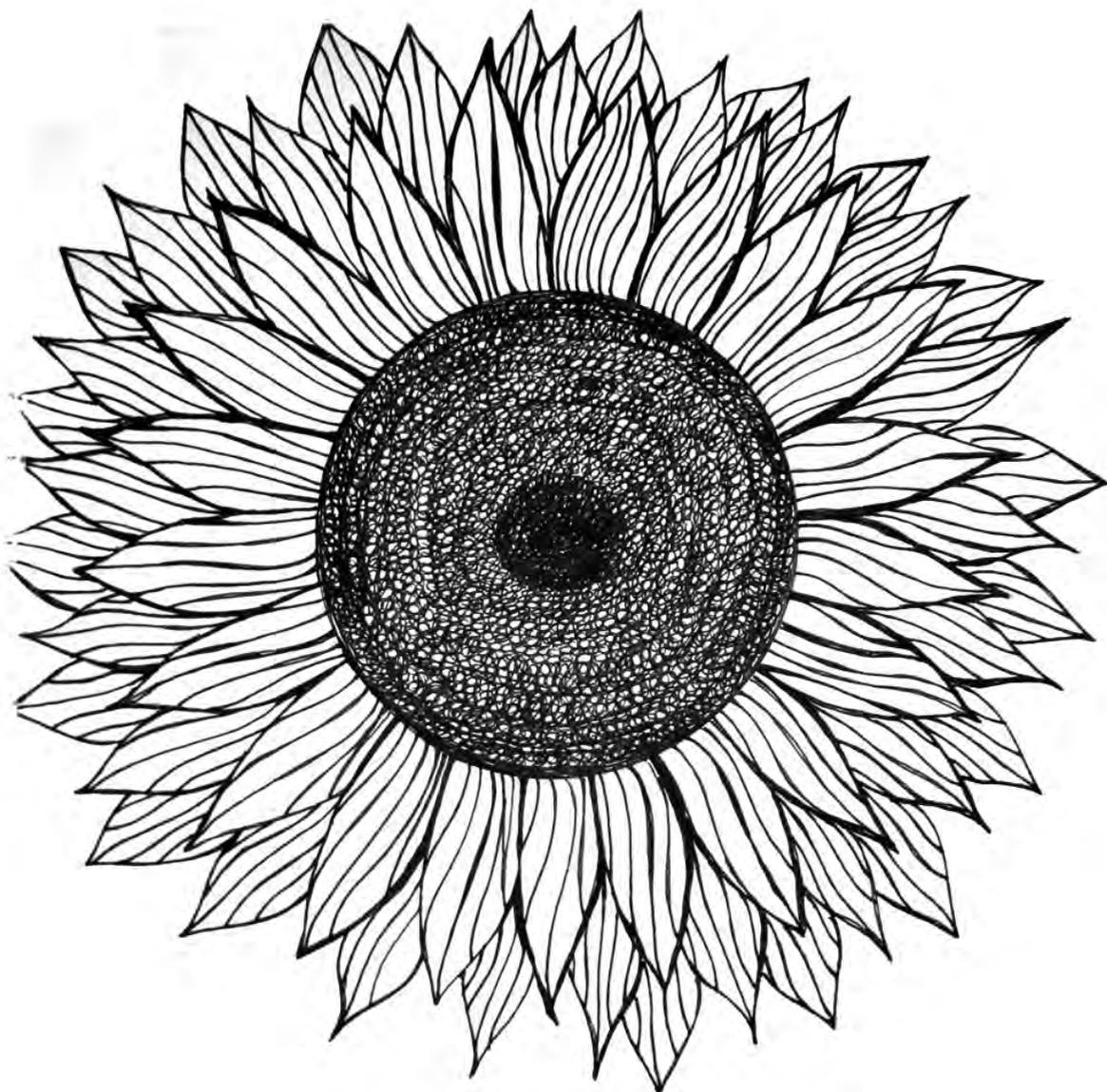
Tat: Sim, no mundo verdadeiro, Pai, tenho esse poder. Graças a teu cântico de louvor e a tua expressão de gratidão, a iluminação de minha alma-espírito tornou-se perfeita. Agora quero também dar graças a Deus do imo de meu ser.

Hermes: Não o faças imprudentemente, meu filho!

Tat: Ouve, Pai, o que digo em minha alma-espírito: “A ti, ó primeiro autor do renascimento, a ti ofereço, meu Deus, a oferenda do Verbo. Ó Deus, tu Pai, tu Senhor, tu Espírito: aceita de mim a oferenda que desejas de mim. Porque todo esse processo do renascimento se realiza conforme a tua vontade”.

Hermes: Ofereces, meu filho, assim, a Deus, o Pai de todas as coisas, uma oferenda que lhe é agradável. Porém acrescenta: Pelo Verbo! ✪

O sol visível é expressão do sol espiritual invisível, chamado Rá ou Aton pelos egípcios, Hélios ou Apolo pelos gregos e Vulcano pelos romanos. Ele não é apenas uma imagem do sol invisível. O sol visível transmite forças que o sol invisível e espiritual – o Logos do sistema solar – libera e irradia no nosso cosmo. Dessa maneira, o sol é como um chamado que vem do Oriente e, ininterruptamente, vai de leste a oeste na vida cotidiana e espiritual de cada um. Por isso é dito: “Trabalha enquanto é dia e usa bem o teu tempo”. Dessa forma o homem pode testemunhar da glória intangível do Criador único e infinito.



sobre o noûs e o homem

I PÉROLAS DO HERMETISMO

Compenetra-te do pensamento de que nada é impossível para ti, considera-te imortal e em condição de tudo compreender, toda a arte, toda a ciência, a natureza de tudo o que vive. (Tratado 2, vers. 80)

O que é hermetismo? Podemos interpretá-lo como uma corrente espiritual que provavelmente nos acompanha desde o início de nossa era. Sua origem, entretanto, está ligada ao mundo dos deuses egípcios de períodos mais distantes da Antiguidade, a Hermes Trismegisto, o Três Vezes Grande. Mas essa interpretação perde-se na escuridão da História. E permanece a questão se ela é correta ou não. Quando observamos a história da humanidade até onde podemos alcançá-la, vemos uma multiplicidade de correntes filosóficas ou espirituais que vêm, vão, voltam a emergir e desaparecem. Estejam orientadas para a filosofia ou para a religião, elas são sempre parte integrante de um contexto cultural. É como uma corda formada por fios coloridos que ora aparecem na superfície da corda, ora se ocultam em seu interior. Um desses fios é o hermetismo. Outros são os mistérios do antigo Egito, a filosofia helenística, o judaísmo, o cristianismo, a gnosis, o budismo, o islã, o sufismo, o racionalismo, a ciência; não pretendemos citar todos aqui. Não que essas correntes nada tenham a ver umas com as outras; frequentemente elas têm aspectos em comum. O hermetismo tem muito em comum, por exemplo, com aspectos da filosofia helenística e com o ideário gnóstico. O hermetismo aparece primeiro em escritos



Em nossa vida atormentada e caótica, as pérolas do hermetismo, da sabedoria de Hermes Trismegisto, são um privilégio e um presente precioso.

© Giovanni Fattori, A Torre de Marzocco, ca. de 1895, Museo civico Giovanni Fattori, Livorno



como o *Corpus Hermeticum*. Podemos aí observar que o conceito hermetismo por certo não foi cunhado pelos primeiros hermetistas, mas é uma criação posterior. Entretanto, a referência a Hermes surgiu cedo.

O hermetismo não é um sistema fechado, mas tem uma natureza cambiante. Há cientistas que veem grandes diferenças nos livros que o compõem. Elas existem, mas quem se apegam a elas talvez deixe de ver o aspecto essencial.

O hermetismo é uma filosofia fundamentada na religião. Ele explica as correlações entre Deus, cosmo e homem e como elas se desenvolvem.

O *Corpus Hermeticum* foi descoberto entre os anos 100 e 300 d.C. Ele abrange 18 tratados na forma de diálogos entre mestre e aluno, de prédicas e orações isoladas. Suas fontes são diversas, sendo que alguns textos não foram escritos em grego, mas, por exemplo, em copta e armênio, de modo que sua autoria não é clara. Influências helenísticas, egípcias, judaicas e gnósticas são perceptíveis.

O *Corpus Hermeticum* surgiu em Alexandria, grande centro cultural da Antiguidade, onde se localizava a conhecida e gigantesca biblioteca que a tornou famosa. Poderíamos designar Alexandria como a Nova Iorque daquela época. Durante muitos séculos, o *Corpus Hermeticum* ficou esquecido e só era citado por seus críticos. Isso mudou quando Marsílio Ficino, no século XV, na Florença dos Médici, traduziu os manuscritos do grego para o latim.

O *Corpus Hermeticum* não foi um *best-seller* (caso fosse possível imprimir livros naquela época), e também não é atualmente. Não porque seja difícil de entender, mas por tratar de temas muito esotéricos, profundamente espirituais, alguns dos quais apenas podem ser interpretados no

contexto social daquela época e não satisfazem os gostos atuais. Alguns ainda são tidos como didáticos, hipócritas ou ingênuos.

Entretanto, esses aspectos secundários referem-se apenas ao estilo. O essencial desses textos permanece magnífico, e sua influência sobre a história do espírito humano perdura. É muito comovedor, emocionante mesmo, quando lemos as notas do *Corpus Hermeticum*: alguém escreve sobre mim. Alguém me compreende. Há quase 2000 anos, alguém viveu e experimentou o mesmo que vivo e experimento hoje. É como se esses 2000 anos não contassem. E olhando bem, eles não contam.

O hermetismo é uma religião fundamentada na filosofia. Ele explica as correlações entre Deus, cosmo e homem e como elas se desenvolvem. Temas importantes são a criação, a relação entre Deus, o mundo e o homem; a essência da verdade, do bem e do mal; a constituição do homem, sua vocação e sua missão. Muitos poderão fazer aqui uma escolha pelos valores herméticos fundamentais: a relação entre Deus, cosmo e homem, o homem como divindade mortal e a inspiração e o despertar por meio do “Noûs”. ☸

sobre o noûs e o homem



II DEUS, COSMO, HOMEM

Na verdade, o fundamento do universo é Deus, o Pai, o Bem, e nenhum outro nome é tão adequado para ele. (Tratado 17, vers. 5)

Qual é a causa última? A essa antiga questão filosófica o *Corpus Hermeticum* responde: “Deus”. Assim fica evidente que, para o homem, Deus é desconhecido – ou seja, o homem passa por um desenvolvimento interior para superar a sua separação de Deus.

Deus é também designado com “o Bem” ou “Bem Único”: “O Bem e nenhum outro nome é tão adequado para ele”. Por que? Noções como “o Bem” mostram uma preferência significativa para o duradouro, o imutável, a eternidade. Mudança é considerada como negativa – bem ao contrário dos tempos atuais. Hoje, quando falamos de algo dinâmico, isso significa algo positivo, porém o *Corpus Hermeticum* representa outra visão. Ele não procura o movimento, e sim o repouso.

Eis a causa do sofrimento do mundo: a marcha circular e o desaparecer no que se chama morte. Mas uma marcha circular é repetição, giro da roda, e desaparecer é renovação. (Tratado 2, vers. 62)

Isto consta no *Corpus Hermeticum* e não em algum escrito budista! Há, portanto, uma notória distinção entre o mundo por nós conhecido (com suas oposições, com a finitude, com a mudança, com a morte, com sua complexidade) e o Bem Único. E, mesmo assim, Deus está imanente em tudo.

Até é ainda mais justo dizer que ele não tem todas as criaturas em si, senão que em verdade ele mesmo é todas elas! [...] Porque Deus tudo mantém encerrado em si, nada há fora dele, e ele está em tudo. (Tratado 11, vers. 23 e 24)

Que Deus está em tudo é, naturalmente, uma mensagem maravilhosa. Alguns avançam e concluem daí que somente devemos admitir esse fato de modo limitado, que devemos abandonar a ilusão de que estamos separados dele – e, com isso, já superamos a separação de Deus. De acordo com isso, trata-se apenas de *perceber* que Deus está em tudo. Teríamos, portanto, unicamente um problema de percepção. Contudo, uma atitude diferente a esse respeito evidencia-se no *Corpus Hermeticum*. Não temos apenas um problema de percepção, mas um problema de vibração. Não é necessária apenas uma mudança de percepção para superar a separação de Deus, é necessária uma transformação interior, um renascimento do divino em nós. Que “Deus está em tudo” não significa que tudo está em uma condição divina; significa, porém, que, por princípio, para tudo existe a possibilidade de retornar a Deus. O *Corpus Hermeticum* diferencia nitidamente o mundo terrestre do mundo divino. Em outras palavras isso é salientado na *Tabula Smaragdina*, outro testemunho do hermetismo:

O que está embaixo é como o que está em cima, o que está em cima é como o que está embaixo, para que os milagres do Uno se realizem.

O retorno do que está embaixo para o que está em cima faz parte dos milagres do Uno. Os milagres do Uno caracterizam a atuação de Deus. Nesses milagres nós podemos participar. Podemos fazer isso não apenas de modo consciente e ativo – mas também como espectadores e, então, certamente, em nossa consciência não se realizam milagres, mas somos, sem o compreender, atraídos a outros estados. “O que está em cima é como o que está embaixo” não significa que dois mundos paralelos se assemelhem e existam em pé de igualdade, um ao lado do outro. Significa antes que eles se influenciam mutuamente. Assim o mais sutil (o em cima) penetra o mais grosseiro (o embaixo). O que está embaixo junta-se à ação do em cima – nas palavras do *Corpus Hermeticum*:

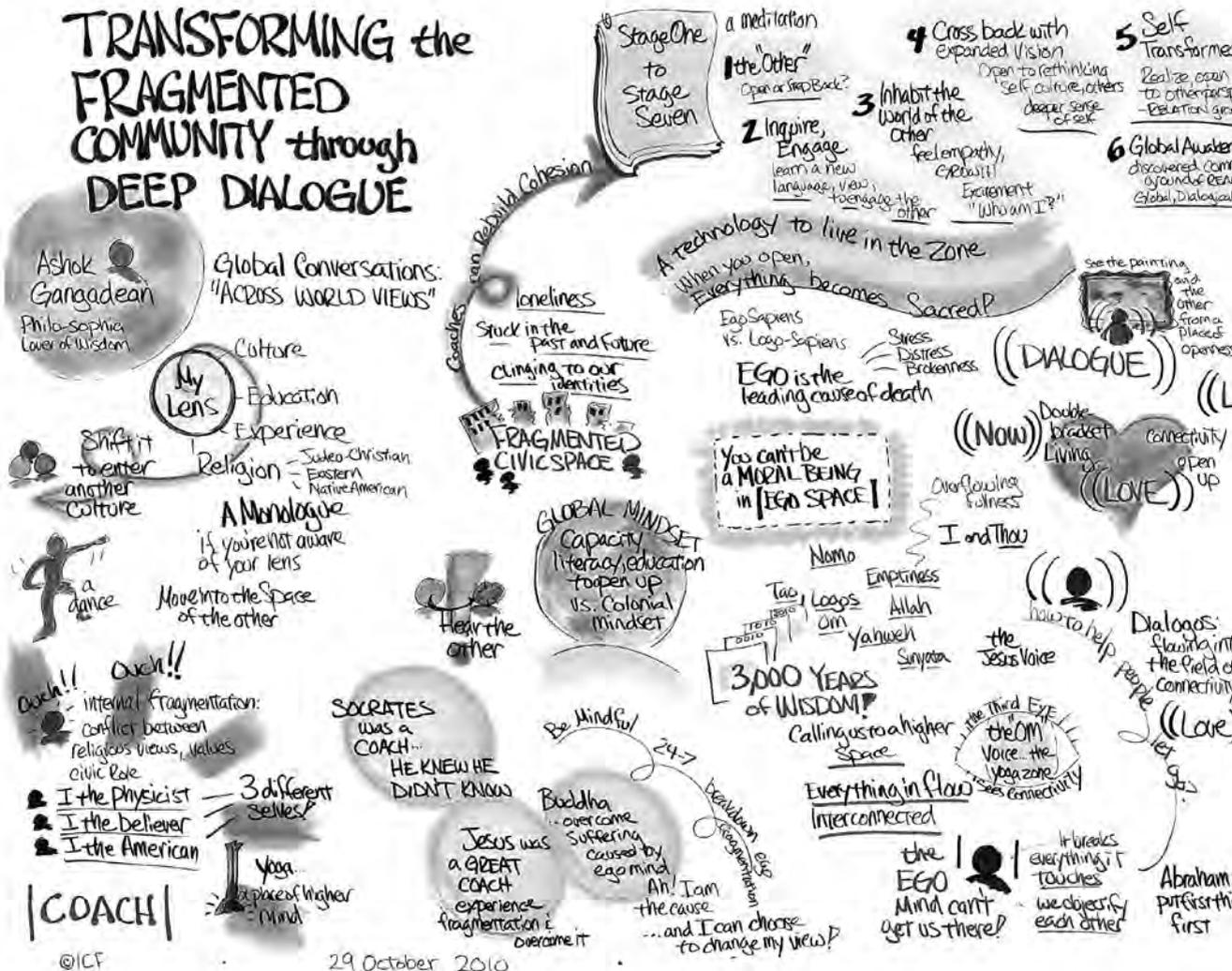
Mesmo essas atividades inverídicas aqui em baixo dependem do alto, da verdade mesma. E, assim

sendo, declaro que a aparência é obra da verdade.
(Tratado 17, vers. 21)

O plano do em cima reproduz-se no embaixo; nesse sentido o que acontece embaixo não é igual ao que está em cima, mas é uma prova da ação do em cima. E pode ser uma metáfora dele. Aliás, o *Corpus Hermeticum*, com “em cima” e “embaixo”, não indica o “Além” e o “Aquém”. O em cima não é a região dos mortos.

O homem [...] eleva-se até o céu e averigua suas medidas; conhece tanto as sublimidades do céu quanto as coisas de baixo; tudo percebe em si mesmo com grande exatidão e o que acima de tudo é grandioso: para elevar-se ao céus, não precisa abandonar a terra.
(Tratado 12, vers. 75)

Portanto, não é preciso estar morto para vivenciar esse céu. ☺



sobre o noûs e o homem



III O HOMEM É UM DEUS MORTAL

Depois de explicada a relação entre o em cima e o embaixo, passamos ao homem.

o corpo e imortal segundo o homem verdadeiro.

(Tratado I, vers. 38)

É por isso que, dentre todas as criaturas da natureza, só o homem é dual, isto é, mortal segundo

Porque o homem é um ser divino, que não deve ser comparado a outros seres quem vivem na terra,

Transforming the Fragmented Community Through Deep Dialogue. Ashok Gangadean. www.http://thelearningcontinuum.biz

Transformed Life Behavior
 blossomed sense of care for others and belonging
 - habits
 - fulfillment
 - relations

((COACHING)) ((LITERACY))

- INVITE others**
 - the Stop! what is the Noticing?
 - discuss ⇒ wonderment ⇒ awe
 - Dialogue can happen in silence
 - the power of non-verbal communication
- Expand the Space Between us... keep it clean**
 - Meet our clients where they're at
 - Be the way we are
 - How to speak of this without sounding wooogy-wooogy
 - Help people get to know one another open the door slowly
- Leading Conversation**
 - Really Listen
 - GOOD QUESTIONS
 - Be Open
 - SAFE SPACE
 - BELIEVE FRAGMENTATION
 - Live in the Double Brackets
 - WRAP every thing in Love
 - BE AWARE of our lenses
- Connect with Self, then others**
 - the other is part of me?
 - Interest in how others see the world
 - CHANGING our OWN LENS First! before becoming an activist
 - Hold a space for others
 - BE POWERFUL and Vulnerable at the same time
 - like a mother with a new baby
 - trust the process
 - Let go of EGO
 - Use Humor and Lightness
 - (The Double Bracket) BLOG
- How to Bridge to a new framework a whole cosmos**
 - EGO BOX
 - "I SEE YOU?"
 - Not GIVING UP our perspective, but honoring others
 - Define a SAFE PLACE for everyone
 - to come
 - to speak
- Energy**
 - there is a space for suspending judgement
 - Tolerance ⇒ Respect ⇒ Celebration
 - Acknowledge otherness
 - Being Authentic vs. just being...
 - People feel shut out - an opportunity!
 - Humor and Lightness
 - It ALL STARTS with US! We must be in dialogue Be an exchange Agent for the Wisdom of Others
 - Encourage other clients to be in touch!
- DISRUPT**
 - Need it to get the DISRUPT to POP
 - How to bring it to Corporate Cultures...
 - How to bring the performing arts into the conversation? How can they spread dialogue a Shift ARTIST
 - What would Gandhi do? (he would call for an Ego-Strike)
 - A day without ego!
 - Greensboro Grob... Food, music, dance You don't know who you'll sit with
 - SAFE Commitment to show up P A C E
 - Be vulnerable
 - Responsible for Listening & Being Heard
 - from EGO-pillar to Buddha-fly! the Buddha-fly effect

Fort Worth, TX, USA
 Graphic Record by Martha McGinnis

senão com aqueles que são do alto, os celestes, que são chamados deuses. (Tratado 12, vers. 73)

Ousamos, por isso, dizê-lo: o homem terrestre é um deus mortal, o Deus celeste é um homem imortal. (Tratado 12, vers. 76)

O homem é um ser divino, um deus mortal. Este é um axioma hermético. Um *deus mortal*, naturalmente, é uma contradição. Mas a mortalidade não diz respeito à humanidade inteira. O homem terrestre é mortal, o “homem verdadeiro” é imortal. Sob esse ângulo, o homem é um ser composto, um ser dual. Ao dizer o “homem” é um ser dual, digo também: todos somos seres duais. Conhecemos nossa parte terrestre, mas quem é esse homem *verdadeiro*? Aí entram em jogo os conceitos de Pimandro e Noûs. São alusões à alma-espírito, ao ser divino em nós. Com Noûs também não se indica o caráter de uma personalidade, mas um aspecto do imortal em nós.

Porque é impossível que o Noûs, devido a sua essência, estabeleça-se em um corpo terrestre, porque um corpo terrestre não consegue suportar tão grande divindade, nem uma força tão magnífica e pura suportar o contato direto com um corpo sujeito a paixões. (Tratado 12, vers. 51)

O Noûs é uma parte do homem “verdadeiro”. Não está simplesmente presente em nós, mas pode *estabelecer-se* em nós, ou, como é dito em outro ponto do *Corpus Hermeticum*, pode

renascer em nós. O ser divino e o homem terrestre, por assim dizer, não se suportam. Poderíamos dizer também: não há lugar para os dois ao mesmo tempo. Também não podemos simplesmente fazer uma troca, caso isso nos pareça justamente o correto; não há como “migrar” do homem terrestre para o divino. O *Corpus Hermeticum* afirma que, como homens terrestres, estamos sujeitos às paixões. Somos criaturas emocionais. Isso é algo que nós conhecemos bem, com seus aspectos agradáveis e desagradáveis. Mas muitos sabem também o que é ser arrastado para lá e para cá entre vozes diferentes dentro de nós mesmos. Muitos mantêm distância e observam o seu eu; eles conhecem a voz interior que aponta para o divino. Se ouvirmos essa voz, isso não é mera imaginação. Não somos apenas criaturas terrestres, mas também deuses adormecidos. Ou, nas palavras do *Corpus Hermeticum*: deuses mortais, isto é: na verdade, deuses, mas, no momento, mortais. A imortalidade do homem *verdadeiro* não é entendida aqui no sentido de uma alma que retorna a Deus após a morte. A viagem de retorno, ao contrário, deve começar antes da morte. De conformidade com o *Corpus Hermeticum*, a morte leva a uma nova encarnação, e esta, de novo à morte. Esse é um elemento da filosofia hermética. Como conseguir, então, o renascimento do homem imortal? ✪

sobre o noûs e o homem



IV A INSPIRAÇÃO PELO NOÛS

E tudo isso veio a mim porque recebi de Pimandro, meu Noûs, o ser que é de si mesmo, o Verbo do princípio. (Tratado I, vers. 72)

Como o homem verdadeiro se desenvolve em nós é também uma questão de conhecer e entender o que deve acontecer. Não obtemos esse conhecimento porque alguém nos ensina. Ele vem de dentro, de um diálogo interior: o diálogo com Pimandro.

Ora, poderias dizer: “Mostra-me Pimandro!” Pimandro não é perceptível diretamente. Não podes acionar Pimandro. Ele se manifesta em ti quando estás preparado para recebê-lo. E, então, receberás o Verbo do princípio. O que é o Verbo? O paralelo com o início do Evangelho de João é nítido: *No princípio era o Verbo*. Naturalmente isso não é por acaso, e isso por dois motivos: por um lado, porque por trás do Verbo existe uma realidade espiritual

– em última análise, o Bem Único –, e, por outro, porque o Evangelho de João e o *Corpus Hermeticum* são próximos do ponto de vista da época e da cultura.

Viste em teu Noûs a bela forma humana original, o arquétipo, o princípio primordial do começo sem fim. (Tratado I, vers. 23)

O *Corpus Hermeticum* não apresenta com clareza o que o Noûs realmente é – se é a alma-espírito ou se designa a consciência que foi tocada pelo Espírito. Mas isso também não é de importância central. Não se trata de *explicar* o Noûs, ou seja, Pimandro, mas de *despertá-lo* e de *viver* guiado por ele. No entanto, quando o Noûs vive em nós, vemos mais além; o homem interior concretiza-se e toma feição, e a forma humana original mostra-se em nós.

Quando o Noûs vive em nós, vemos mais além; o homem interior concretiza-se e toma feição, e a forma humana original mostra-se em nós.

sobre o noûs e o homem

V O DESPERTAR DO NOÛS

Ora, podes pensar: despertar o Noûs é algo que não consigo. Talvez te sintas indigno disso. O *Corpus Hermeticum* conta com esse sentimento.

Compenetra-te do pensamento de que nada é impossível para ti, considera-te imortal e em condição de tudo compreender, toda a arte, toda a ciência, a natureza de tudo o que vive. (Tratado 2, vers. 80)

Se percebermos a nós mesmos *apenas* como homens mortais, a ideia de ser imortal é um mero sonho e uma negação da realidade. Mas assim negamos nossa parte imortal, o Noûs.

Cresce e eleva-te a uma grandeza incomensurável, ultrapassa todos os corpos, vai além de todo o tempo; torna-te eternidade. Então compreenderás a Deus. (Tratado 2, vers. 79)





Mas o *Corpus Hermeticum* não proporciona simplesmente uma visão fantástica. Ele afeta não apenas nosso desalento, nossa tão nobre modéstia, que talvez apenas disfarce nossa preguiça, ele também indica o auxílio que recebemos ao seguir o caminho.

Ao seguires tua senda, em toda parte o bem virá ao teu encontro; em toda parte na senda ele vai revelar-se a ti, mesmo onde e quando menos esperas.

(Tratado 2, vers. 85)

Buscai Aquele que vos tomará pela mão e vos conduzirá pelas portas da Gnosis, onde irradia a clara luz, na qual não há trevas; onde ninguém está embriagado, mas todos são sóbrios e elevam o coração para Aquele que quer ser conhecido. (Tratado 3, vers. 4)

Somos, portanto, levados pela mão e guiados! E isso, no *Corpus Hermeticum*, não é transfiguração mística – ou apenas em dose mínima (a mão pela qual somos levados). Não é algo interpretado com sentimentalismo barroco, mas sem muito floreio e, assim, de forma surpreendentemente moderna. Nota-se também que é dito que todos *elevam o coração* (elevam – veneram). Isso é também referência ao homem verdadeiro e à relatividade dos órgãos dos sentidos. No *Corpus Hermeticum* os sentidos não são muito levados em consideração – talvez, para o gosto atual, até bem pouco. Os sentidos são apresentados como enganosos – porque distorcem e desviam. Na rejeição do homem terrestre e seus recursos, o *Corpus Hermeticum* é radical.

Porque, antes de mais nada, ela [a alma] tem de lutar contra si mesma, operar uma grande separação e deixar a uma parte dela a vitória sobre si mesma. Porque surge entre uma parte e duas outras um conflito do qual a primeira procura fugir, enquanto as duas a arrastam para baixo. A consequência é luta, um grande confronto entre aquela que quer fugir e as duas outras que se esforçam em conservá-la embaixo.

(Tratado 5, vers. 10)

O conflito interior entre tempo e eternidade é delineado de maneira drástica.

Se primeiro não odiarés o teu corpo, meu filho, não poderás amar o teu verdadeiro ser. Mas se amares o teu verdadeiro ser possuirás a alma-espírito e, uma vez possuindo-a, participarás também de seu conhecimento vivente.

(Tratado 7, vers. 16)

A afirmação é significativa e indubitável. Hoje praticamente já não falaríamos de “odiar” o corpo – isso pode causar mal-entendidos. Contudo, trata-se de dar prioridade ao ser verdadeiro e imanente.

Assim, ó Tat, exemplifiquei-te uma imagem de Deus, até onde isto foi possível. Se te aprofundares nisso íntima e minuciosamente, olhando-a com perseverança, com os olhos do teu coração, encontrarás, crê-me, meu filho, o caminho para o céu. Ou, ainda mais justo, a imagem mesma de Deus te conduzirá nesse caminho.

(Tratado 7, vers. 30) ✨

como um sorriso que vem do céu

Um adolescente de boa família visita seus novos amigos com frequência. Seu pai, consciente de suas responsabilidades, questiona-o a esse respeito. Imediatamente esse questionamento causa um conflito. “Você não precisa me controlar!”, argumenta o filho. Por fim, a relação entre os dois chega a tal ponto que o pai decide confiar no filho.

A pesar de sua aparente ingenuidade e de suas conseqüências previsíveis, a confiança dada revela seu caráter mágico e luminoso, que me faz lembrar a seguinte frase sufi: “Vem! Mesmo que tenhas quebrado cem vezes teu juramento, vem!” Mas, em alguns casos bem conhecidos, até mesmo cem vezes está abaixo do número real! Subitamente, uma atividade cerebral intensa e repentina me faz buscar todos os meios para limitar essa confiança. Depois, faz-se silêncio em meu ser, e a luz realiza seu trabalho: compreendo que uma confiança limitada não é confiança. Sentir ou depositar confiança não é nada fácil. A própria luz – Cristo – descobriu que seus discípulos mais próximos eram “homens de pouca fé”. A confiança na magia da luz deve ser buscada e cultivada no mais profundo do ser. Afinal, confiança é luz! Ela não depende do que acontece em uma relação amigável ou conflituosa. Ela é vasta, ilimitada, livre. “Vem! Mesmo que tenhas quebrado cem vezes teu juramento, vem!” Isso quer dizer: “confio na luz que também está em você, e lhe dou essa confiança, sem nenhum ressentimento ou ansiedade”. É a aceitação plena e total de qualquer reação, de qualquer tipo de conseqüência.

Quem se confiou à luz pode repartir a luz e pode consolar. Não se trata de clichês do tipo “Coragem, amanhã será melhor!”, mas sim de ser uma fonte de luz, mesmo

modesta, que permita a uma alma perdida reconhecer sua origem através do nevoeiro e, graças à fé, restabelecer sua ligação com ela. No ato impessoal se cria um campo de respiração e uma abertura: já não existe *eu* nem *você*. De repente, aquele canal obstruído começa a fluir: a porta que estava fechada se entreabre, e uma luz sem treva alguma se difunde. É um reflexo da Terra Santa, a nova Jerusalém! É apenas um clarão, mas é suficiente para mostrar o primeiro degrau do caminho de retorno – a terra firme, também chamada de “fé”.

As palavras *confiança*, *consolo* e *fé* fazem parte do vocabulário e do imaginário deste mundo terrestre, mas pertencem, de fato, ao mundo da luz. Isso explica e justifica por que temos certa reserva em utilizá-las. É que, em nosso mundo, onde a trapaça (o oposto da confiança) constitui uma realidade inegável, pode parecer sem graça o sentido por trás dessas palavras.

Realmente: a trapaça faz parte desta natureza. Por isso, chega a alcançar o nível da “arte de viver” – até entre os animais, plantas e minerais, que não deixam de utilizá-la para sua própria sobrevivência, com certo refinamento. A minúscula aranha transforma-se em monstro; a flor paradisíaca captura visitantes ingênuos em sua armadilha. Quanto às atividades humanas, estas oscilam entre o comércio justo e a fraude legal, sempre enfeitados com uma piscadinha e uma pitada de humor.



Na busca por sabedoria encontramos o sentido. © fotógrafo desconhecido

No homem, dois mundos se interpenetram, ligando o céu e a terra. A confiança tem sua origem em Deus, o princípio cujo toque nos faz reconhecer a luz em todas as coisas. Talvez ainda inconscientemente, ela também faz reconhecer as relações corretas e justas. Nesse caso, compreensão e autoconhecimento podem determinar nossa conduta,

que depende em grande parte do nível ou do campo em que nos encontramos. Ela é a porta aberta para um tipo sutil de percepção. Essa percepção nos dá a possibilidade de perceber, sem julgamento, e apesar dos inúmeros fracassos, que a confiança realiza milagres, tanto para quem a dá como para quem a recebe. Como um sorriso que vem do céu. ✪

pitágoras e sua escola

I UMA IDEIA DE 2.600 ANOS

Um ser humano da nossa época pode sentir-se perdido, como um ponto fugidio, solitário no tempo e espaço. Ele mora, por acaso, numa cidade e tem relações familiares e sociais aparentemente por acaso. Ele vê e ouve as pessoas a seu redor e sente simpatia ou antipatia por elas; teme o futuro e está em busca de amor e segurança. Não se parece ele com uma pequena chama no universo escuro, que brilha por um instante, para depois apagar-se? Que sentido tem essa vida?

Se ele encontrasse o sábio Pitágoras, talvez num livro, por exemplo, ouviria dele as seguintes palavras: “Você existe com seu corpo e sua consciência pessoal em determinado ponto do espaço-tempo infinito.

Como corpo dotado de um eu, porém, você é a encarnação perecível de um ser eterno, de um pensamento de Deus que, como o próprio Deus, pode atravessar conscientemente todos os tempos e espaços e desenvolver-se em glória maior ainda. Agora, porém, você não ouve as eternas e divinas ‘harmonias das esferas’, que envolvem e interpenetram todo o mundo espaço-temporal com amor, liberdade e paz. Não ouve porque seu corpo e seu eu não possuem um órgão sensorial para isso. Seu ser imortal criou, desde o início dos tempos, um novo meio de expressão mortal, um corpo com o seu eu. Tais corpos constituem uma corrente de reencarnações através das profundezas do tempo e do espaço. Até agora, nenhum elo dessa corrente desenvolveu um órgão capaz de perceber as ‘harmonias das esferas’.

Você, porém, poderia fazer isso. Você tem a tarefa e a possibilidade de criar esse órgão. Ao trilhar um caminho espiritual, seu ser imortal poderia adquirir consciência de si próprio, de sua origem divina, da eternidade e do mundo divino. Isso transformaria completamente seu corpo e a consciência da sua personalidade. Então você veria com olhos novos, espirituais, que a sua vida atual, aparentemente como um ponto incidental no espaço-tempo, é a consequência necessária de inúmeras encarnações. Você reconheceria o sentido da atual encarnação. Então desapareceriam as coincidências e a arbitrariedade, que parecem ser parte integrante da sua existência agora. Você reconheceria como são pequenos e limitados seus interesses atuais, seus desejos e temores, e como são grandes e ilimitados os contextos nos quais seu corpo e seu eu se encontram”. ✪



Desenho de Pitágoras, segundo uma escultura em alto-relevo na Catedral de Chartres, séc.12

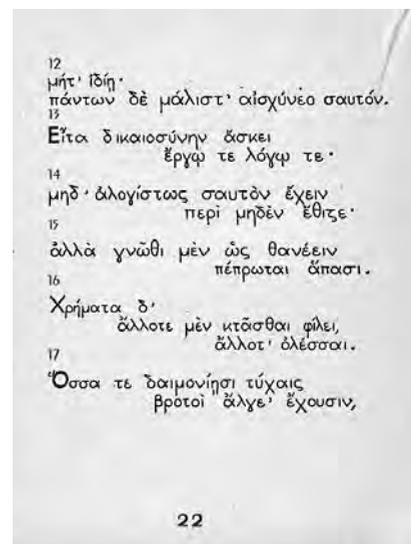
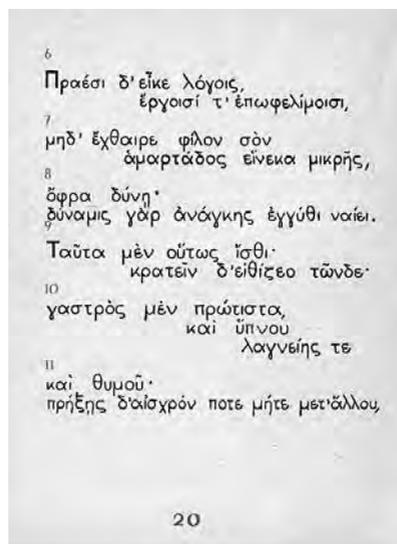
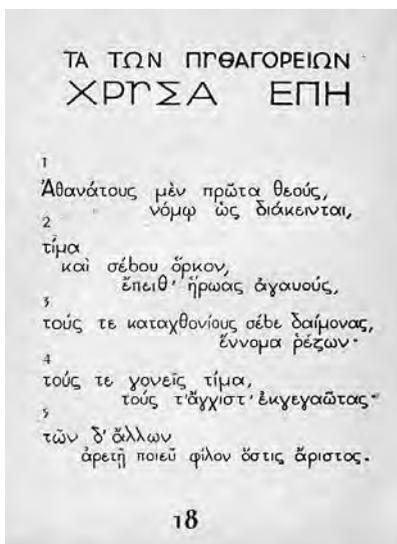
UMA INVESTIGAÇÃO EM SETE PARTES



II O MITO DE DIONISO

Pitágoras (569–474 a.C.) afirmava conhecer suas encarnações anteriores; na última, teria sido certo Euforbo. Dizia também ouvir as “harmonias das esferas”, pois teria desenvolvido os órgãos de percepção espiritual nas escolas de mistérios do antigo Egito, da Pérsia, Fenícia e Grécia. No transcurso de vários séculos ele se teria tornado o que se denomina um “liberto” ou um “iniciado nos mistérios da existência”. Isso o autorizaria a auxiliar outros buscadores da verdade a alcançar uma condição semelhante. Tratou, portanto, de construir uma escola espiritual ou de mistérios para todos os que almejavam conhecer o sentido onibrangente da própria existência. Em Crotona, cidade no sul da Itália, ele encontrou, por volta do ano 530 a.C., um bom número de pessoas que o aceitaram como instrutor.

Por trás de todos os regulamentos e regras da escola de mistérios de Pitágoras estava o seu conhecimento da existência de uma ordem e uma força divinas que trespassam o universo e querem tornar-se conscientes no ser humano. Um autor da Antiguidade escreveu: “Tudo o que eles (os pitagóricos) determinam acerca do que fazer e não fazer tem em vista o divino... Pois os homens fariam algo ridículo caso esperassem a salvação (eterna) de outros que não fossem os deuses”. Esse objetivo de ligar-se conscientemente ao divino no universo impregnou e marcou a vida dos alunos, provendo-os de força para o caminho. O cotidiano na escola incluía a oferenda regular de comida, bebida e incenso, por meio dos quais o mestre e seus discípulos sempre garantiam sua relação com os deuses.

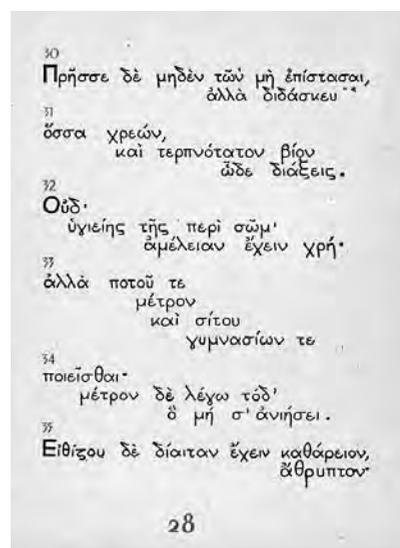
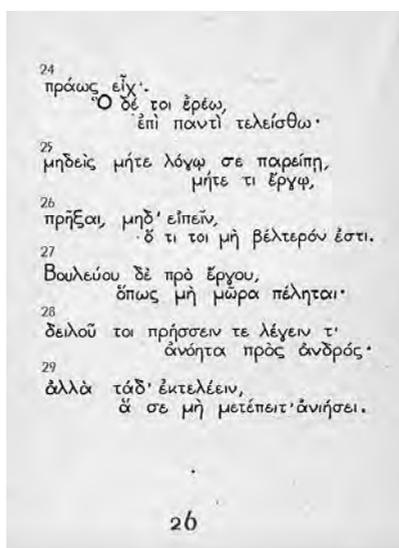
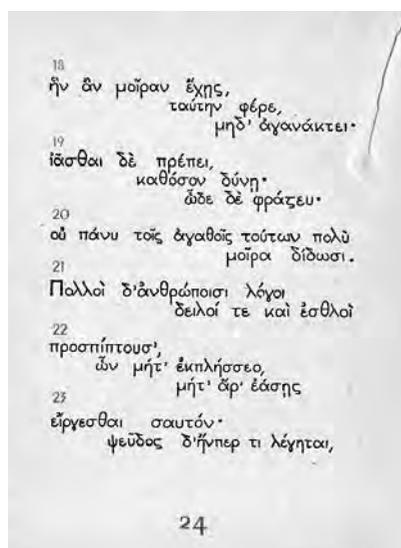


Deve ter havido inclusive um culto especial a Dioniso, cujos ritos, infelizmente, não nos foram transmitidos, o que, aliás, não é de se admirar, considerando-se o estrito sigilo mantido nas escolas de mistérios da Antiguidade. Sabemos, porém, que o mito de Dioniso era o ponto central do culto.

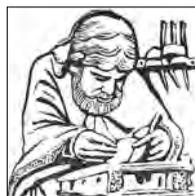
Dioniso representa o êxtase espiritual, a divindade imortal no homem. Ele é despedaçado pelos Titãs, símbolo das forças de atração e das paixões do mundo não divino. Contudo, uma divindade feminina, representante da força regeneradora da alma, reúne seus pedaços. Dioniso gera um filho com essa divindade, Dioniso Zagreu, que vence os Titãs. Dessa forma, Dioniso, aparentemente morto, pode ressuscitar. Despedaçado pela força de atração do mundo precível, o deus ressuscita

e retoma seu lugar no mundo divino. Como meio de expressão, ele dispõe agora do filho imortal, que pode atuar no mundo.

Talvez este mito tenha sido apresentado pelos alunos de Pitágoras como peça dos mistérios, em festas especiais. Talvez houvesse, no edifício da escola, pinturas e estátuas representando os personagens do mito. De qualquer forma, os alunos sempre eram lembrados de sua tarefa, por meio dos respectivos ritos, adquirindo, assim, a força necessária para realizá-la. Eles deveriam, no próprio ser, fazer o deus Dioniso, aparentemente morto, voltar à vida, por meio de sua nova força-alma; deveriam, ainda, dissolver as ligações com o mundo terreno, os “Titãs”, para ressuscitar como um ser imortal novo, como Dioniso Zagreu. ✪



pitágoras e sua escola



III A TETRACTYS (TÉTRADE)

Como eles se dedicavam a esse grande objetivo no cotidiano? Imaginemos que um jovem tivesse sido aceito por Pitágoras como aluno. Então começava para ele um período de ouvir e aprender, que durava cinco anos. Ele aprendia a ouvir e não julgar nem criticar imediatamente o que ouvira, mas a calar e reconhecer que ele, na realidade, nada sabia de essencial. Ele abria o coração totalmente e deixava o ensinamento de Pitágoras fazer efeito em seu interior e tornar-se ativo nele.

Essa condição de ouvir e calar-se encontrava sua expressão simbólica na escola pitagórica. Costumava-se colocar os neófitos sentados diante de uma cortina, atrás da qual Pitágoras, invisível para eles, expunha seus ensinamentos. Assim, ficava claro para os ouvintes que ainda era preciso afastar a cortina situada entre eles e a experiência direta do mundo divino. Em outras palavras: tornava-se claro que os sentidos e a mente não estão em condição de perceber a ordem e a força do mundo divino. Para isso são necessários outros órgãos, espirituais, que ainda devem ser desenvolvidos.

Desde então é feita uma distinção entre exotéricos e esotéricos. Os exotéricos estão *fora*, diante dos mistérios, e somente ouvem a respeito deles. Os esotéricos já desenvolveram algo da percepção espiritual; eles estão nos mistérios e os vivenciam.

Nesse estágio em que seus ouvintes silenciavam, os ensinamentos de Pitágoras abrangiam

temas teóricos e práticos. A teoria consistia na descrição da formação da natureza original, do mundo divino e do ser humano.

Pitágoras explicava que a origem de todo ser é Deus, que consiste em quatro aspectos:

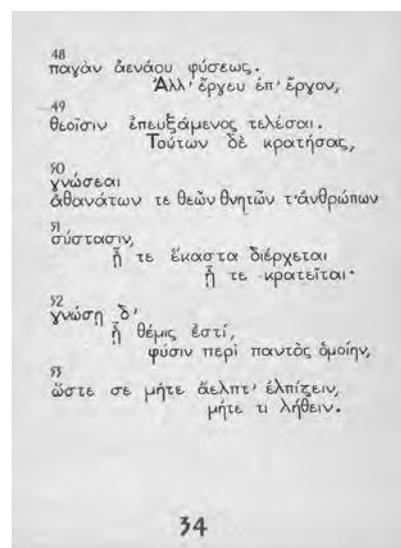
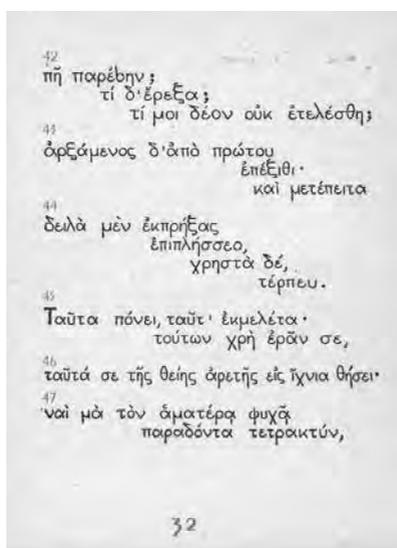
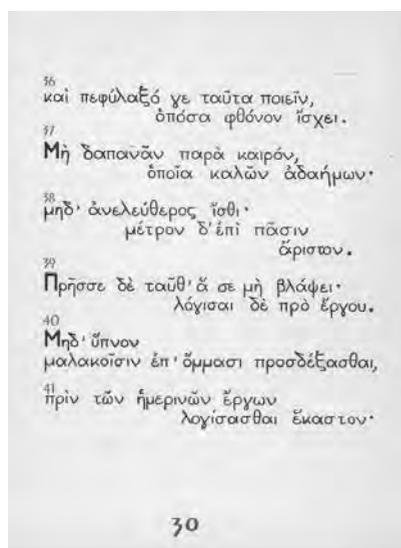
1. Ele é a vontade criadora, que tudo interpenetra, o “pai”, o Espírito.
2. Deus é também uma substância primeira que tudo preenche, uma espécie de energia-matéria, como diríamos hoje, a qual recebe em si a vontade do Pai. Ela é a mãe, a alma do mundo.
3. Como resultado da cooperação entre esses dois aspectos, que se espelham reciprocamente, surge a luz, o filho, a consciência.
4. Dos três aspectos se formam emanções, criaturas, pensamentos da mente divina, microcosmos do macrocosmo. Entre estes também o ser eterno do homem – nós mesmos como seres da eternidade.

Existe, portanto, uma téttrade no início de toda a vida, um macrocosmo em desenvolvimento, interpenetrado e mantido por Deus, e não simplesmente um mecanismo mundial que surgiu do *Big Bang*, guiado pela causalidade ou pelo acaso.

Era típico em Pitágoras o reconhecimento de relações numéricas por toda parte no universo divino, eterno, bem como no mundo espacial e temporal. Uma conhecida máxima de Pitágoras diz que “tudo é número”. O número não era para ele apenas algo quantitativo como para nós, mas cada número

representava, sobretudo, uma qualidade. A origem primeva era representada pelo um, o próprio Deus, a unidade onibarcante. Ela é, em si, polar desde o início, isto é, divide-se em dois polos: pai, mãe – o dois. Aqui vemos que o dois não resulta da adição quantitativa de dois uns, mas da divisão do um, por meio da qual surge uma nova qualidade: a polaridade, ou seja, o dois. Da dinâmica entre os dois polos resulta o três, o filho, o um que se desmembrou de forma harmoniosa. E desse três, por sua vez, surge uma nova criação, o

microcosmo, o quatro. 1 mais 2 mais 3 mais 4 é igual a 10. Essa é a famosa *tetractys* (tétrade) de Pitágoras, que, por sua vez, se transforma no um acompanhado do zero, o dez, que, por assim dizer, é a oitava superior do um. ☉



pitágoras e sua escola



IV A RECUPERAÇÃO DA TRÍADE

O aluno devia refletir muito e profundamente sobre esse esquema. Aos poucos, descobria que ele era a descrição tanto do macrocosmo como do microcosmo, o próprio aluno. Porque nele também atua o pai, temporariamente ainda como vontade criadora, divina, inconsciente, como Dioniso ou, poderíamos dizer, como centelha do Espírito. Nele a mãe, uma divindade feminina, uma substância original temporariamente ainda não diferenciada, uma energia-matéria, recebe, como alma, o Espírito. Também nele pode surgir o filho, Dioniso Zagreu, pela atuação conjunta do pai e da mãe, como iluminação, como nova luz da consciência. E nele ainda reside a possibilidade de fazer surgir de todos os três aspectos algo imortal: o quatro, a téttrade.

Ao mesmo tempo, o aluno descobria que ele, em sua condição atual, de forma alguma constituía essa téttrade perfeita. A centelha do Espírito, o pai em nós, está quase inativo; a mãe, nossa alma original, está soterrada sob as paixões e envoltimentos com as formas perenes, de modo que não há espaço para receber o Espírito. E o que aconteceu com a nossa consciência, o filho?

Nossa personalidade consciente deveria ser a expressão imortal da vontade divina e da pura alma divina, um verdadeiro ser, “uma imagem de Deus”, como diz a Bíblia. Em vez disso, desenvolvemos uma personalidade-eu mortal, que vive sob um horizonte muito limitado. Muitas vezes ela se sente

solitária, desligada, perdida em uma esfera espaço-temporal muda. O que ela cria, o quatro, são criaturas altamente imperfeitas: guerras, enfermidades, condições sociais caóticas, deformações psíquicas. E mesmo o que surge de bom e belo muitas vezes é volátil e destinado a desaparecer – sabemos disso. Seja como for, acorrentamo-nos ao mundo dos Titãs, o mundo das representações, da multiplicidade de paixões, desejos, interesses e ilusões, e assim despedaçamos o Deus em nós, o Um.

No entanto, o aluno de Pitágoras quer exatamente colocar um fim nesse estado infeliz e, por isso, trilha o caminho. O que ele pode fazer? Ele cuida para que haja espaço para a alma, a fim de que nele a “mãe” recupere a sua pureza, para poder receber conscientemente o “pai”, o Espírito, que retornou ao estado natural, incólume. Dessa díade surgirá então uma personalidade imortal, um verdadeiro ser que, em harmonia com o pai-mãe, realizará suas obras. ★

pitágoras e sua escola

V OS VERSOS ÁUREOS

O aluno aprendia a base inicial desse caminho, o lado prático dos ensinamentos de Pitágoras, nos primeiros cinco anos, diante da cortina. Os chamados “versos áureos” de Pitágoras, que nos foram transmitidos de forma completa, descrevem todo o caminho espiritual como uma espécie de matriz, partindo do estado de inconsciência do divino e da personalidade-eu mortal até a ressurreição do microcosmo em plena consciência, com uma personalidade imortal. A primeira metade dos versos áureos refere-se à formação de uma nova alma, pura, por meio de um comportamento adequado, que o aluno deve aprender e praticar.

Nossa personalidade original, imortal, possuía três grandes centros de consciência: um na pelve, onde atuavam as energias do amor divino; um no coração, onde a unidade com Deus era sentida; e um na cabeça, onde governava, em liberdade, a sabedoria divina. A nossa atual personalidade mortal também possui esses três centros, mas em estado de degeneração. Na pelve estão concentrados os impulsos egoístas, as paixões e os desejos; no coração, ao lado de impulsos do bem e de esforços honestos, encontram-se também sentimentalismo, ciúme, despotismo e medo; na cabeça, as ideias de moral e as convicções mal conseguem controlar os efeitos negativos provenientes dos dois outros centros. No caminho espiritual é preciso suspender, inicialmente, a degeneração de cada centro em particular e da sua relação recíproca. A primeira metade dos *Versos Áureos* nos dá as instruções para isso.

Ali está escrito, por exemplo: “[...] habitua-te a

dominar estas coisas: sobretudo, o estômago, o sono, a sexualidade e a ira”. Portanto, o aluno precisa aprender a ter “moderação”, não apenas no tocante aos alimentos para “o estômago”, mas também no consumo em todos os aspectos, hoje, por exemplo, especialmente no que se refere à mídia. Ele deve superar sua preguiça e comodidade, o “sono”, e refrear qualquer forma de “voluptuosidade”. E também precisa colocar rédeas na “ira” isto é, em sua agressividade e em sua crítica destrutiva. Desse modo, consegue ordenar de alguma maneira sua consciência corporal centralizada nos chacras inferiores, ajustando-a às exigências da nova alma.

Da mesma forma ele procede com o centro da consciência no coração. Ele precisa substituir o medo pela coragem; a dependência da opinião alheia, pela independência; a indiferença frente a exigências éticas, pela dignidade e a objetividade. “Nunca faça algo vergonhoso, quer com outros quer sozinho. Mais que tudo a ti mesmo respeita”, dizem os *Versos Áureos*. O conceito de “coragem” praticamente engloba todas essas qualidades. Na cabeça, desenvolve-se o pensamento independente, uma “sabedoria” que sabe o que convém à saúde e à situação familiar e social. “Ninguém jamais deve levar-te, por palavras ou por ações, a fazer ou a dizer algo que não seja o melhor para ti.”

Os três centros devem trabalhar de forma harmoniosa: o pensamento, o sentimento e a energia vital. Essa é a “justiça”, a quarta grande virtude que o discípulo de Pitágoras e todo aluno de uma escola espiritual deve aprender.



Porque quem volta seu olhar para o interior e desenvolve essas qualidades, como Dioniso Zagreu, filho de Dioniso, liberta-se das inúmeras complicações, expectativas, medos e ilusões do mundo perecível, liberta-se dos “Titãs” que não querem deixá-lo ser ele mesmo e “despedaçam” a sua unidade. Em suma: ele constrói uma nova alma, pura e quaternária, que novamente está em harmonia com a *tetractys*: o pai (pensar com a cabeça), a mãe (sentir com o coração), o filho (a energia vital consciente) e, em quarto lugar, a ação em consonância com os demais.

A escola de Pitágoras incentivava esse processo por meio de ditados simbólicos, tarefas que se assemelham aos *koans*, imagens do cotidiano, que sempre lembram aos alunos quais são as suas tarefas. “Calçar, em primeiro lugar, o sapato direito.” Pense, logo ao se levantar, que você está a caminho de um grande objetivo com “o sapato certo”, e submeta a esse objetivo as ações cotidianas, o “sapato esquerdo”. E há vários outros exemplos. Com base nas quatro grandes virtudes, temperança, coragem, sabedoria e justiça, Pitágoras levou seus alunos a trabalhar numa nova personalidade em consonância com a ordem do macrocosmo divino. Mas os seguidores de Pitágoras não estavam empenhados em ser heróis virtuosos ou santos. Tudo isso eram meios, instrumentos para a obtenção de um objetivo que somente poderia ser alcançado com as forças do Espírito, com as energias que fluíam livremente no campo de força da escola de Pitágoras. A iluminação, a elevação da consciência, determinava a forma da preparação e os meios necessários.

Também não se tratava de transformar o aluno num mestre sobre as condições exteriores e interiores, para então gozar de prazeres, poder ou realização de ideais. Os meios serviam tão somente para fazer que os discípulos se tornassem “menos” no seu afã por prestígio, poder e felicidade, a fim de que a alma verdadeira e pura pudesse tornar-se “mais”.

Assim, o aluno entrava na segunda grande fase de seu caminho: a despedida definitiva da fome de vida, poder e felicidade terrenos. Ele entrava em ligação com os próprios mistérios. O chamado “juramento de Pitágoras”, situado precisamente entre a primeira e a segunda parte dos *Versos Áureos*, expressa essa grande transformação: “Não, por aquele que deu a téttrade à nossa alma, fonte da Natureza eterna!” O aluno declarava, portanto, um “não” irredutível à dependência das paixões, da ignorância e da maldade, de influências externas, ilusões e medos, e um “sim” definitivo ao mundo divino, onde ele entrava, hesitante, após longa preparação. ✪

os versos áureos

Primeira parte

- 1 *Primeiro, honra os deuses imortais, como a lei estabelece,*
2 *e venera o juramento, depois os heróis dignos de honra,*
3 *e os gênios do mundo inferior, executando as prescrições da lei.*
4 *Honra também teus pais e parentes mais próximos;*
5 *e, entre os outros, escolhe como amigo o melhor em virtude;*
6 *cede às palavras doces e aos trabalhos úteis,*
7 *e não te desavenhas com teu amigo por causa de pequena falta,*
8 *tanto quanto possas, pois o poder habita junto à necessidade.*
9 *Sabe que essas coisas, por um lado, são assim; por outro, habitua-te a dominá-las:*
10 *sobretudo o estômago, e o sono, e a sexualidade,*
11 *e a ira; e nunca faça algo vergonhoso, quer com outros*
12 *quer sozinho; porém, acima de tudo respeita a ti mesmo.*
13 *Depois, sê justo em palavras e ações;*
14 *e habitua-te a nunca comportar-te sem refletir;*
15 *porém, sabe que morrer é o destino de todos.*
16 *Quanto às riquezas, aceita por vezes adquiri-las, e por vezes perdê-las;*
17 *e tudo o que, pelos destinos divinos, aos mortais recebem de dores;*
18 *se disso tens tua parte fatal neles, suporta-a e não te indignes,*
19 *porém é a cura que convém, tanto quanto te seja possível, e reflete desta maneira:*
- 20 *que aos bons o destino não dá muito desses sofrimentos.*
21 *Muitas palavras vis ou virtuosas são pronunciadas diante dos homens;*
22 *que elas não te turbem; e não te permitas desviar-te delas. Se alguma mentira for dita,*
23 *sê brando. O que te digo se cumpra em qualquer circunstância:*
24 *Ninguém jamais deve levar-te, por palavras ou por ações,*
25 *a fazer ou a dizer algo que não seja o melhor para ti.*
26 *Delibera antes da ação, para não haver consequências censuráveis:*
27 *pois agir e falar sem reflexão são coisas de um homem fraco;*
28 *mas cumpre essas coisas, a fim de que mais tarde não te entristeçam.*
29 *Nada faça de que não entendas, porém aprende tudo o que é necessário; e levarás assim a mais agradável vida.*
30 *Também não negligencie a saúde do corpo:*
31 *porém na bebida, na comida, na ginástica sê comedido.*
32 *Chamo medida tudo o que não te entristecerá.*
33 *Habitua-te a um modo de vida puro e sem indolência;*
34 *e evita fazer tudo que cause inveja.*
35 *Não gastes fora de medida, como o que ignora a beleza,*
36 *nem seas avarento: a medida em todas as coisas é excelência.*
37 *Faze o que te não prejudicará e reflete antes de agir.*
38 *Não permitas que o doce sono cerre teus olhos*



- 40 *antes de teres examinado cada um de teus atos do dia.*
41 *Em que errei? O que fiz? O que não fiz que deveria ter feito?*
42 *Começando no primeiro ponto, vai até o fim e então:*
43 *se cometeste coisas vergonhosas, repreende-te; mas, se agiste bem, regozija-te.*
44 *Nessas coisas esforça-te e exercita-te; é preciso que as ames.*
45 *Elas levar-te-ão aos caminhos da virtude divina.*

O juramento de Pitágoras*

- 46 *Não, por aquele que deu a tétrade (tetractys) à nossa alma,*
47 *fonte da Natureza eterna!*

Segunda parte

- 48 *Agora passa à ação*
49 *após orar aos deuses para que as realizem.*
Quando tiveres dominado essas coisas,
50 *saberás qual é dos deuses imortais e dos homens mortais a constituição,*
51 *e até que ponto se diferenciam e onde se unem.*
52 *Conhecerás então, segundo a medida da justiça, que a Natureza é em tudo semelhante,*
53 *de modo que para ti não haja nenhuma esperança do que é sem esperança, e que nada te permaneça oculto.*
54 *E saberás que os homens têm os males que eles mesmos escolheram.*
55 *Infelizes, que não veem os bens que estão próximos deles*

- 56 *nem os escutam: raros são os que sabem livrar-se desse mal.*
57 *Essa é a sina que extravia o espírito dos mortais; e como cilindros que rolam,*
58 *são jogados para lá e para cá e padecem males infinitos.*
59 *Triste companhia, a discórdia inata neles, sem que percebam, os extravia.*
60 *Não debes fazê-la avançar, porém cedendo a ela, dela fugir.*
61 *Zeus pai, por certo livrarias de muitos males todos os homens*
62 *se lhes mostrasses de que demônio eles se servem.*
63 *Tu, porém, arma-te de coragem, pois divina é a ascendência dos mortais,*
64 *aos quais a Natureza sagrada revela todas as coisas.*
65 *Quando algo dela tornar-se parte tua, dominarás o que te ordeno.*
66 *E após teres curado tua alma, salvá-la-ás desses males.*
67 *Abstém-te, porém, dos alimentos dos quais falamos e, tanto nas purificações*
68 *como na libertação da alma, decide e reflete sobre cada coisa,*
69 *após ter estabelecido como condutor o juízo cheio de excelência que vem do alto.*
70 *Após abandonares o corpo, se chegares ao éter livre,*
71 *serás imortal: um deus que não morre, já não um mortal.*

* O juramento de Pitágoras consiste nos versos 46 e 47.

pitágoras e sua escola

VI SOBRE AS QUATRO CIÊNCIAS OBJETIVAS

Para estimular o desenvolvimento da alma na escola interna de Pitágoras, as assim chamadas ciências objetivas eram de grande importância. Obter discernimento desinteressado sobre as relações existenciais era muito importante para os pitagóricos. Eles estudavam quatro ciências objetivas: a Aritmética, a Música, a Geometria e a Astrologia. Tudo é determinado por números. Da mônada, Deus, origina-se, mediante divisão em dois polos, a diáde, o princípio pai-mãe. De sua cooperação recíproca surge a tríade, pai-mãe-filho, e dela se desenvolve um processo criativo, a tétrade. A segunda ciência praticada pelos pitagóricos era a Música. Pitágoras trouxera do Egito o conhecimento de que os intervalos da escala musical, a terça, a quarta, a quinta, a oitava, baseavam-se na razão entre números inteiros. A razão entre a quinta, por exemplo, e a nota fundamental era 3:2. Em nós também deve estar presente um princípio semelhante, baseado em números inteiros, por exemplo no ouvido ou em partes do corpo, que guardam uma relação entre si com base em números inteiros, o que permite uma ressonância mútua. Por isso esses intervalos nos soam agradáveis. Existe uma harmonia entre as notas, um movimento interior do ânimo e uma vibração exterior do ar. Isso permite compreender como é possível perceber interiormente as vibrações das trajetórias dos planetas, portanto, ouvir a “música das esferas”. Pitágoras também colocava a Música em uma

esfera mágica. Ele sabia com exatidão quais melodias e instrumentos tinham um efeito calmante sobre o ânimo e os estímulos que eles causavam. Ele utilizava esse conhecimento para fins terapêuticos. Música excitante não era permitida em sua escola. Não havia instrumentos de sopro, que excitam o ânimo, nem tambores, que estimulam o abdome. Assim era conservada a harmonia conciliadora (a justiça) entre os aspectos da alma: sabedoria (cabeça), coragem (coração) e moderação (pelve).

A terceira ciência necessária aos pitagóricos para o desenvolvimento da alma era a Geometria. Aos alunos de Pitágoras era mostrada a relação entre os catetos e a hipotenusa de um triângulo retângulo. Eles ficavam maravilhados de a soma do quadrado dos catetos ser igual ao quadrado da hipotenusa, qualquer que fosse o triângulo retângulo: $b^2+c^2=a^2$, onde b e c são o comprimento dos catetos e a é o comprimento da hipotenusa. Quem se aprofundava com um pensamento desinteressado nesse conhecimento podia transferi-lo para outros fatos na vida, ou neles encontrá-lo. Pensemos, por exemplo, no conflito de gerações. Os pitagóricos comparavam as concepções de um jovem com as de um adulto, que se contrapõem como catetos e formam um ângulo reto entre si. Então procuravam levá-las a um novo contexto, em concordância com a hipotenusa do triângulo retângulo. Assim, o pensamento, mediante a ocupação neutra com a Geometria, era



colocado na posição de distinguir a igualdade e a desigualdade de cada situação na vida e examinar as possibilidades de uma comparação. Quanta infelicidade seria poupada aos seres humanos se, antes do casamento, o homem e a mulher obtivessem clareza sobre a igualdade e a desigualdade de seu caráter e de suas circunstâncias de vida, sem serem atrapalhados nisso pela força de atração entre os sexos ou por ilusões românticas!

A última ciência era a Astronomia, ou melhor, a Astrologia, a lógica, o entendimento dos corpos celestes. Aqui, também se tratava de relações e analogias qualitativas. A posição macrocômica dos planetas no instante do nascimento de um ser humano permite reconhecer, por analogia, as relações microcômicas entre as qualidades de seu caráter. O horóscopo descreve isso de maneira sistemática. Cada planeta não é apenas um corpo, porém uma esfera, um campo de radiação, que preenche o inteiro sistema solar. Como os campos de radiação dos planetas e do sol se interpenetram, tanto a terra como qualquer ser vivo que nela habite, sente essas influências. Por ocasião do nascimento de um ser humano, a constelação macrocômica aplica seu selo sobre a totalidade do caráter e das forças do destino do recém-nascido. Quando um ser humano desenvolvido espiritualmente reconhece esses fatos, ele pode ajudar a outros, que tenham progredido no novo pensar, a também perceber isso. Para isso não é necessário um mapa astral. Como

então surgiu a Astrologia? Talvez pela observação e pelos cálculos que as pessoas faziam dos pontos que se moviam no céu e eram associados ao destino de um recém-nascido? Isso é bem pouco provável! Não, elas percebiam os campos de radiação dos planetas, e como eles influenciavam o caráter e o destino do recém-nascido. Dessa maneira, reconheciam a conexão entre o que está em cima com o que está embaixo. ✪

pitágoras e sua escola

VII DETRÁS DA CORTINA

A partir de então, o discípulo encontrava-se frente a frente com Pitágoras detrás da cortina, *no interior* dos mistérios, que lentamente ele deveria aprender a conhecer. A consciência e a mente estavam livres dos próprios interesses. Uma nova alma e uma percepção objetiva haviam surgido. Esta era a base para mais uma etapa do desenvolvimento de um novo órgão de percepção espiritual. O que poderia favorecê-lo? Inicialmente, firmando-se o novo estado de alma. Para isso havia um método maravilhoso na escola pitagórica. Nos *Versos Áureos* lemos, pouco antes da passagem para a segunda parte: *Não permitas que o doce sono cerre teus olhos antes de teres examinado cada um de teus atos do dia. Em que errei? O que fiz? O que não fiz que deveria ter feito? Começando no primeiro ponto, vai até o fim e então: se cometeste coisas vergonhosas, repreende-te; mas, se agiste bem, regozija-te.* Por meio desta autodeterminação, um autorreconhecimento repetido todas as noites, o novo estado de alma era fortalecido enormemente. Os alunos de Pitágoras sabiam que o homem mortal não está entregue ao seu destino ou ao carma, mas que pode aprender a lidar com ele de modo a não haver obstáculos na senda da libertação. Ele pode criar novo carma ou eliminar o velho. Todas as ações de uma personalidade mortal são registradas no ser imortal, no microcosmo. A soma dos registros de todas as vidas, isto é, das encarnações anteriores, determina o carma da encarnação atual. Do que se semeia numa encarnação,

surgem novas causas. Se estas não forem trabalhadas ou eliminadas durante a vida, serão repassadas à próxima encarnação, e esta irá colher o que todas as encarnações anteriores plantaram.

Isso pode ser uma pesada carga. Os carmas individual e coletivo podem se tornar tão pesados que as pessoas mal consigam suportá-los. Os *Versos Áureos* assim o formulam: *Essa é a sina que extravia o espírito dos mortais; e como cilindros que rolam, são jogados para lá e para cá e padecem males infinitos.* No entanto, o ser humano pode reconhecer como sempre está criando novo carma. É devido à sua consciência de conflito, à luta, à luta pela existência, ao impulso à vida, a impor-se; isso é o que determina a sua vida e traz ao mundo todos os males da existência. Sobre isso, Pitágoras chega a falar de um “demônio”. *Triste companheira, a discórdia inata neles, sem que percebam, os extravia. Não debes fazê-la avançar, porém cedendo a ela, dela fugir.* É o que recomendam os *Versos Áureos*.

Quando um aluno reconhece esse demônio com o auxílio das forças divinas e de um mestre como Pitágoras, ele pode ser libertado da luta, do impulso à vida e da ignorância. Ele pode aceitar seu destino, com base nas forças auxiliadoras. [...] *e tudo o que, pelos destinos divinos, aos mortais recebem de dores; se*

As imagens do texto grego dos Versos Áureos foram tiradas da obra *Pythagore, Les Vers d'Or*, na caligrafia de Marcel Boin, Bourges, 1948



disso tens tua parte fatal neles, suporta-a e não te indignes, assim formulam os Versos Áureos, que continuam com estas palavras: porém é a cura que convém, tanto quanto te seja possível [...] Um aluno na senda da libertação não é um fatalista. Sobre o fundamento das forças espirituais em seu microcosmo, paulatinamente ele será libertado. Zeus pai, por certo livrarias de muitos males todos os homens se lhes mostrasses de que demônio eles se servem.

Quando o aluno de Pitágoras deixava atuar em si as leis e forças do mundo divino, em si e fora de si, ele tornava-se livre de todas as ataduras que o ligavam ao mundo terrestre e recebia o Espírito, a iluminação. E quando agia de forma permanente com base nas leis e forças divinas, esse estado tornava-se parte dele. Por isso, os Versos Áureos dizem, no final:

após ter estabelecido como condutor o juízo cheio de excelência que vem do alto. Após abandonares o corpo, se chegares ao éter livre, serás imortal: um deus que não morre, já não um mortal.

Onde ficou então a solidão, a sensação da falta de sentido como um grãozinho de areia no universo? Uma ordem nova e grandiosa preenche esse ser humano, ele possui uma consciência da onipresença, a unidade com Deus, todas as coisas e criaturas e a liberdade dentro das leis divinas. Ele coopera com o amor criador de Deus em prol de todas as criaturas da terra. O Dioniso imortal nele, o espírito que aparentemente havia sido desmembrado e estava morto, ressuscitou, graças ao auxílio de uma nova alma purificada, e dispõe agora de uma nova personalidade imortal.

54 Γνώση δ' ἀνθρώπους
αὐθαίρετα πῆματ' ἔχοντας
55 τλήμονας,
ἀτ' ἀγαθῶν πέλας ὄντων οὐτ' ἐσορῶσιν
56 οὔτε κλύουσιν·
λύσιν δὲ κακῶν
παῦροι συνίσασι.
57 Τοίη μοῖρα βρωτῶν βλάπτει φρένας·
58 ὡς δὲ κύλινδροι
ἄλλοτ' ἐπ' ἄλλα φέρονται,
ἀπείρονα πῆματ' ἔχοντες·
59 λυγρῇ γὰρ συνοπαδὸς ἔρις
βλάπτουσα λέληθε

36

60 σύμφυτος,
ἦν οὐ δεῖ προάγειν,
εἰκοντα δὲ φεύγειν.
61 Ζεῦ πάτερ,
ἢ πολλῶν κε κακῶν
λύσειας ἅπαντας,
62 εἰ πᾶσιν δείξαις,
63 οἷψ τῷ δαίμονι χρώνται.
Ἄλλὰ σὺ θάρσει,
ἐπεὶ θεῖον γένος ἐστὶ βρωτῶσιν,
64 οἷς ἱερὰ προφέρουσα φύσις
δείκνυσιν ἕκαστα.
65 Ὡν εἰ σοί τι μέτεστι,
κρατήσεις
ἄν σε κελεύω,

38

66 ἔξακέσας ψυχὴν δὲ
πόνων ἀπὸ τῶνδε σαώσεις.
67 Ἄλλ' εἴργου βρωτῶν,
ὧν εἶπομεν,
ἐν τε καθαρμοῖς,
68 ἐν τε λύσει ψυχῆς
κρίνων,
καὶ φράζεις ἕκαστα,
69 ἦνίοχον γνώμην στήσας
καθύπερθεν
ἀρίστην·
70 ἦν δ' ἀπολείψας σῶμα
ἐς αἴθερ' ἐλευθερον ἔλθης,
71 ἔσσειαι ἀθάνατος,
θεὸς ἄμβροτος,
οὐκ ἔτι θνητός.

ΤΕΛΟΣ

40

Entre as numerosas correlações entre Pitágoras e Jesus, quer se trate de seus ensinamentos ou de suas vidas, a pesca ocupa um lugar particular. Um dia, Pitágoras encontrou pescadores reunidos na praia; ele lhes disse que era capaz de prever quão abundante seria sua pesca e até o número exato de peixes. A condição que impôs foi que soltassem os peixes se sua previsão estivesse correta. Todos os peixes saíram vivos da água, e seu número revelou-se conforme o predito. Pitágoras os comprou, e eles foram novamente jogados no mar. Os pescadores espalharam a novidade; desde então, Pitágoras foi venerado como semideus. Salvator Rosa, 1662. Museu Nacional, Berlim.





É claro que quem consegue libertar-se no éter não é o eu limitado, que se autoafirma e impõe. Pelo contrário, ele resultou da separação de Deus e mantém essa separação, continuamente, por meio da sua autoafirmação, a “luta”. A consciência mortal, seja ela grosseira ou refinada, capaz de impor-se ou clarividente, é um empecilho para o verdadeiro ser. Todavia, no longo caminho na escola de Pitágoras, ela aprendia a calar-se e a servir o verdadeiro ser. Esse é o princípio fundamental de todas as escolas espirituais do passado e do presente.

Os alunos dessas escolas precisam continuar trabalhando no cotidiano a fim de formar novos órgãos cognitivos. Por intermédio da centelha espiritual em seu coração, eles libertam-se das expectativas, dos medos e ilusões, e dessa maneira concretizam uma ligação cada vez mais consciente com o mundo divino. Invocações, orações ou canalizações não fazem sentido neste processo. O máximo que se pode obter mediante essas tentativas é entrar em contato com o mundo dos mortos, o Além, denominado por Pitágoras de “mundo inferior”. O discípulo de Pitágoras contava com o mundo do Além e o honrava: *honra os deuses imortais, como a lei estabelece*, porém não se ocupava com ele.

Auxiliares do mundo divino encarnam por vontade própria, para apoiar os seres humanos em seus esforços em prol da independência e liberdade espiritual. Eles suportam todas as dificuldades relacionadas com a vida no

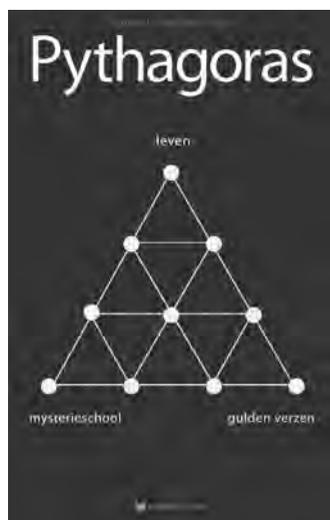
mundo da matéria densa, a fim de ajudar seus alunos a alcançarem vitória.

Assim também procedeu Pitágoras. Sua escola e ele próprio foram perseguidos, após duas décadas de intenso trabalho. Ele foi obrigado a deixar o país, e seus alunos dispersaram-se. A principal causa foi de natureza política. Pitágoras havia estabelecido um bom relacionamento com a aristocracia reinante de Crotona. Da mesma forma que, em sua escola, os melhores homens deveriam desenvolver-se interiormente, assim também

deveria haver um marco político correspondente, exteriormente, um estado aristocrático. Pitágoras esperava até poder influenciar positivamente a situação política por meio das forças que emanavam de sua escola.

No entanto, em toda a Grécia a aristocracia foi substituída pela democracia. O sistema instituído então na Magna Grécia e na Sicília, por exemplo, baseava-se em liberdade irrestrita e egoísmo desenfreado. Isso contradizia os ensinamentos da escola pitagórica, segundo os quais a moderação e a amizade deviam vigorar para todos. Uma escola espiritual sempre fica em uma situação delicada quando se torna dependente de condições políticas ou econômicas.

A título de conclusão, podemos dizer que não há melhor orientação na preparação para o caminho espiritual do que a frase que Pitágoras sempre repetia a seus alunos: “Não despedaces o Deus em ti!” O ser humano é uma imagem de Deus, um Deus em potencial, não como eu, mas como ser espiritual, como microcosmo. Não despedacemos esse princípio espiritual, perdendo-nos nos muitos aspectos do mundo material, sem conseguir reencontrar-nos. E, se estivermos no caminho, não continuemos a despedaçar esse Deus, mas restauremo-lo. Retiremos nossa alma das identificações com as muitas coisas boas e más da terra, e recuperemos, assim, a unidade, o poder sobre as forças divinas presentes em nós. “Não despedaces o Deus em ti!” ✪



Pitágoras

Vida – Escola de Mistérios – os Versos Áureos

Konrad Dietzfelbinger

O artigo baseou-se numa conferência do autor

www.rozekruispers.com

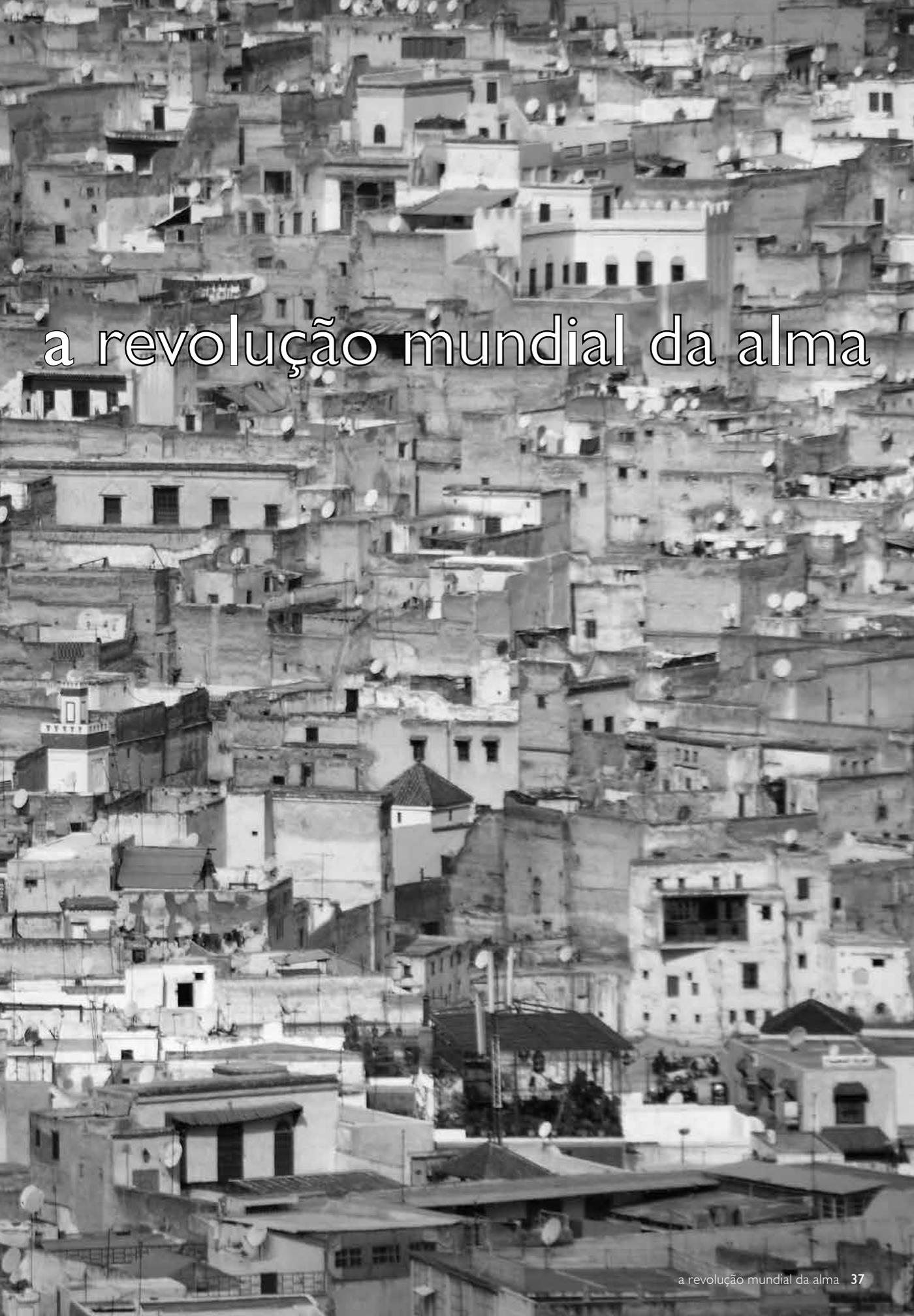
“É imprescindível saber que existem dois sóis, um espiritual e um natural. Um sol espiritual para os que estão no mundo espiritual e um sol natural para os que vivem no mundo natural. Sem compreender isso, nada pode ser convenientemente entendido no que concerne à criação do homem...” Emmanuel Swedenborg (1688–1772), *Amor e sabedoria divinos*

E Juliano, o Apóstata (331–336), ensinava: “Há três sóis em um; o primeiro é a causa universal do todo, bem supremo e perfeição; o segundo é a força, a razão soberana que domina todos os seres racionais; o terceiro é o sol visível”.

O anjo no sol. William Turner, 1846.







a revolução mundial da alma

IMPRESSÕES SOBRE O CAMINHO: EXPERIÊNCIA DE UM ALUNO

“Anualmente, os árabes e os africanos se reúnem e se consultam mutuamente sobre as artes para saber se alguma coisa melhor foi descoberta ou se seus conceitos foram superados pela experiência. Desse modo, a cada ano algo novo se apresenta para melhorar a Matemática, a Física e a Magia, pois nisso os habitantes de Fez são muito avançados. [...] Em Fez ele travou conhecimento com os que chamamos comumente de habitantes originais, os quais lhe revelaram muitos de seus segredos, do mesmo modo que nós, os alemães, poderíamos reunir muito do que é nosso se uma unidade semelhante reinasse entre nós e se aspirássemos à pesquisa com toda a sinceridade.”

Fama Fraternitatis, 1614

I
A mídia nos apresenta o que somos: vitórias no futebol, acidentes graves nas estradas, final trágico em briga passional, crescimento das exportações, presidente em viagem à China, o show do nosso cantor preferido. Mas será que somos somente isso ou somos algo mais? Nosso ser se resume às informações que captamos, às relações

que mantemos? O que sobra quando precisamos passar sem elas? Desde criança e adolescente eu tinha a sensação de que alguma coisa estava errada. Somos diferentes das pessoas que cruzam nosso caminho. Não conseguimos encontrar-nos integralmente. Mantemos contato somente baseados em nossas partes, em nossos fragmentos. O resultado é uma porção de coisas exageradas,





deformadas, caricaturais, fictícias. Por mais que algo mais profundo esteja operando dentro de nós, essa essência continua escondida! Por mais que nos comuniquemos, não existe entre nós nem comunhão, nem unidade. Os pensamentos e as palavras criam sua própria realidade. Estamos todos ligados e, no entanto, muito distanciados uns dos outros. É como diz a canção *Die Königskinder* (O príncipe e a princesa): “Eles não conseguem aproximar-se porque as águas são muito profundas”.

Como conseguimos viver desse modo? Na realidade, não temos alternativa. Simplesmente verificamos o que somos e tentamos agir da melhor forma possível. Muitos rebelam-se contra esse modo de viver. Recusam-se a viver assim, são contra alguns pontos ou são totalmente contra.

II

Podemos ser dominados por correntes de pensamentos ou convicções e, com base nelas, determinar nosso comportamento por um longo tempo. Um dia, mostramos uma faceta; no próximo, outra. Afinal, quem somos? Não sabemos, pois não recuperamos a consciência. Onde

A Madrasa Nou Inania é uma escola corânica em Fez (Marrocos), construída em 1350. Segundo a *Fama Fraternitatis*, esse foi o local onde se encontraram os sábios árabes e africanos “que, vivendo tão longe uns dos outros, não somente estão unidos entre si, mas também são contrários a toda polêmica e estão sempre dispostos a revelar seus segredos”. Foi ali também que Cristão Rosa-Cruz travou conhecimento com aqueles que se costumava chamar de indígenas. Fotos © Ivar Hamelink

está o espaço da minha existência, o espaço que ninguém mais a não ser eu pode ocupar? Aquele lugar onde minha presença é indispensável no cosmo, lugar que é a morada indescritível do meu ser? A vida de tantas pessoas que buscam esse lugar é como um grito sem palavras. A resposta ainda não chegou. Durante toda a vida, giramos em torno de alguma coisa – não importa o que façamos. Giramos ao redor do nosso ser mais profundo, sem conhecê-lo. No entanto, muitas vezes deixamos escapar um suspiro: uma estranha emoção toma conta de nós. Ficamos em silêncio e lançamos um olhar sobre nosso modo de viver. Temos vontade de deixar tudo de lado, de escapar do nosso círculo de existência. Mas será que isso nos ajudaria? De repente, minha vida parece ser uma representação que acontece na periferia. No centro está o ser interior. Será que tem sentido esse deslocamento para a periferia? A distância para meu ser interior continua imutável: apenas preciso percorrê-la. Gostaria de receber informações vindas desse centro. Parece que minha vida está acontecendo no palco de um teatro invisível! Nele represento diversos papéis, mas percebo que o palco continua inalterado, imóvel, imutável. Que sentido têm esses papéis que desempenho? Personagens, forças, turbilhões, intrigas – tudo isso atua em mim: parece com tudo o que a mídia me traz. Minha participação no mundo é a imagem exata do que se passa dentro de meu ser. Desse modo, o mundo vive dentro de mim e me anima: minha psique coloca em movimento o que se passa no mundo. Sou parte de tudo o que acontece!

Meu passado cristão me faz chamar o ser interior de: Salvador, Emanuel, Deus, Cristo, o Outro em mim.

III

Já faz tempo que me observo; sinto-me um ser estranho – estranho a tudo o que se passa, apesar de estar preocupado. Muitas vezes, quando consigo vislumbrar alguns espaços ocultos de minha consciência, identidades que ainda não haviam sido descobertas, penso que seria capaz de retirar o véu. Nessa hora, alegria e desejo me invadem e sei que algo grandioso me aguarda: algo tão grande que precisa ser desvendado. O papel que nosso ser interior quer nos dar está esperando por nós! Estou intimamente ligado às árvores. Elas me transmitem a experiência de sua espera silenciosa. Uma paciência cósmica opera por meio delas. Os animais também parecem estar esperando. Até o espaço que envolve a terra dá a impressão de estar esperando. E as estrelas nos observam. Tudo está esperando. Mas, esperando o quê? Nossa decisão de seguir o caminho que conduz ao nosso ser interior. Quando tomarmos esse rumo, haverá uma mudança fundamental, uma intervenção no mundo: a revolução mundial da alma mudará tudo! Quando, no decorrer de uma vida humana, chega o momento crítico, na encruzilhada onde se desvela a senda que leva ao ser interior, a evolução e o fluxo do tempo parecem parar por um instante. Abre-se a possibilidade de uma decisão importante, já desembaraçada do peso do passado. O homem livra-se da trama de todas as redes que o prendem.

IV

Sem que ele perceba, o ser interior vai-se desvelando, como uma porta que conduz a uma região

transcendental, fora do tempo. É um *flash* rápido, como um clarão! O mundo é engolido pelo vácuo. Sete bilhões de seres humanos sufocam o ser interior. Eles formam uma roda que gira e arrasta tudo. Cada pessoa é como um planeta orbitando o sol interior. Quem conseguirá sair disso? Imaginemos que um grande número de planetas decida seguir uma trajetória diferente e aproximar sua órbita do centro, mergulhando na transcendência. A lei de interdependência deveria engendrar uma reação conjunta do “sistema humanidade”. As antigas certezas desapareceriam, e surgiria a incerteza. O aspecto espiritual da alma seria intensificado no mundo e viabilizaria novos e possíveis processos de desenvolvimento. Não é exatamente isso o que está acontecendo hoje no mundo? O transcendente quer oferecer-nos outra identidade, quer despertar em nós o transpessoal e o universal, quer despertar a unidade, pois a ultrapassa. Ele é a unidade. Para nós, seres humanos, a unidade que nos envolve é a humanidade – não somente no sentido exterior, mas também em sentido profundo: a humanidade eterna, como organização e comunhão de almas livres do corpo físico, da mortalidade, dos envolvimentos confusos, das âncoras que nos prendem, das estratégias que usamos. Seria apenas uma opinião visionária? Já tive muitas, quando era jovem. Hoje, digo: o ser interior trouxe esse impulso, suscitou isso. Gostaria de comparar essa situação com a de um alpinista atraído pelo cume da montanha. Seus amigos recomendam que ele continue embaixo. “Por que ir lá para cima? Por que expor-se ao perigo?” E a resposta é: “Eu tenho de ir. Não

consigo agir de outro modo”. E então ele escolhe seu equipamento e deixa uma porção de coisas para trás. Minha esposa e eu estamos seguindo esse caminho. Já buscamos e exploramos muitas passagens antes de descobrir um grupo com o qual tivéssemos afinidade. Continuamos participando desse grupo. A característica da senda que percorremos é a da autoentrega ao ser interior, ao espelho do campo mais interno do grupo. Isso parece um pouco vago? É que a razão, por si só, não pode compreender. Por outro lado, em nosso coração houve um reconhecimento, uma espécie de pré-memória. Aquela região de vida que havia sido absorvida acaba de emergir novamente, ao ar livre, como um futuro que precisa ser reconquistado. Uma certeza acaba de tomar forma em nós. O grupo utiliza palavras para dar nome ao caminho. Palavras do Evangelho, mas também de Lao Tsé, de Buda, e outras palavras mais atuais. Qual é o efeito delas? Elas nos permitem distinguir as divergências, estimular as possibilidades ocultas na consciência. Elas atualizam e manifestam, no espaço, a energia do caminho. É assim que essas forças operam em quem as pronuncia. Logo surgem, igualmente, efeitos de sombra, reações opostas. Essas reações originam-se das facetas do nosso caráter. Então, pensamos: “Você não pode tirar a si mesmo da lama, como fez o Barão de Münchhausen. Você não pode escapar do fato de você ser quem realmente é”. Então, o ser interior se revela e ensina que é completamente diferente de minha simples pessoa.

V

Meu passado cristão me faz chamar o ser interior de: Salvador, Emanuel, Deus, Cristo, o Outro em mim. Ele é o oposto do que sou. Posso chamá-lo de você, com intimidade. Eu sei que ele é o meu eu verdadeiro. Mas também me sinto bastante irritado quando decido orientar-me por ele e sinto a escuridão, o vazio, o nada. Surgem pensamentos acompanhados de alterações emocionais e corporais, desejos, frutos de velhas heranças do subconsciente, desaparecidas há muito tempo, inexplicavelmente. Mas nada disso

pertence ao ser interior. Como é que eu não consigo encontrá-lo? Um dia, as “escamas” caem de meus olhos. Quando perscruto as profundezas, usando a luz da consciência, chego ao que me pertence e corresponde a mim. Contudo, desse jeito não posso descobrir o ser verdadeiro, imortal e eterno. Ele não se reflete nas forças de minha consciência. Ele faz parte de outra dimensão. E essa dimensão representa uma tomada de consciência libertadora. De repente, com um sorriso, liberto-me das minhas tentativas inúteis. Compreendo por que um ateu diz com convicção que não conseguiu encontrar Deus. No entanto, consigo vivenciar o ser interior. Como ele se deu a conhecer? Muitas vezes eu o conheço melhor nas reuniões da comunidade da qual faço parte. É nessas ocasiões que sempre vivencio a luz da alma espiritual. Como isso é possível? Pertencço ao grupo, abro-me às palavras que falam sobre o caminho – sem esperar nada. E então a luz reflete-se em mim, comunica-se comigo durante ou após as reuniões. Tornou-se evidente: o ser interior precisa dessas ocasiões para construir em mim sua teia de ressonância. O ser eterno precisa encontrar o que em mim está em ressonância com ele: um espelho límpido para nele refletir-se.

Compreendi que, ao sentir medo, tenho emoções fortes, e, quando meu raciocínio prevalece, apenas consigo embaçar e obscurecer esse espelho. Esse espelho é algo completamente diferente e corresponde a outro nível de consciência. Na antiga corporeidade, vai-se formando o nível de uma nova consciência-alma. A partir de então, as duas consciências – a velha e a nova – dizem “eu” com a mesma boca.

VI

O grupo do qual participo deu-me a ajuda decisiva para gerenciar as energias e informações que iam surgindo. O que determina tudo isso é o nível de consciência. Como se faz a troca de uma consciência para outra, da inferior para a superior? Precisei refletir sobre isso durante muito tempo – e, no entanto, era tão simples!



A causa de tudo é o ser interior. É ele quem desperta o nível de consciência superior, e isso tem efeito no nível inferior. Ele faz nascer uma nostalgia no velho eu. Ele desperta o que é ideal e estimula, acima de tudo, a disposição para a rendição. A rendição é a chave mais importante para todo esse processo de desenvolvimento. Somente ela permite passar por novas experiências e criar, por exemplo, a faculdade de distinguir as novas energias, próprias do ser interior,

das velhas energias, que são próprias da personalidade. Tudo isso é acompanhado da possibilidade de dirigirmos a própria vida de maneira completamente nova. De fato, nossas relações com todos os seres vivos mudam por completo. Tudo é novo! É assim que vivenciamos “encontros de almas”. É o que nos faz indizivelmente felizes quando podemos observar que outra pessoa possui nobreza de alma.

Se continuarmos fiéis ao caminho, ele também será fiel a nós. A nova órbita se estabelece. O novo nível de consciência torna-se a estrutura da alma. De modo totalmente novo, o ser interior vai ocupando seu lugar. É muito diferente de quando ocupávamos apenas a periferia! O Salvador, o transcendente, constrói um novo corpo anímico na antiga corporeidade: podemos sentir isso como uma grande força que nos sustenta.

Agora, os dois níveis de consciência podem desenvolver-se juntos. O que é novo já adquiriu sua estrutura, e o que é velho pode integrar-se a ele.

VII

Acho que se trata da próxima etapa da evolução. Acho que é isso que o mundo está esperando! Estamos ligados a tudo. É indispensável haver diferentes caminhos espirituais. Afinal, o transcendente apenas pode refletir-se na diversidade! Sua riqueza interior apenas pode exteriorizar-se sob múltiplas formas. Todas as pessoas, individualmente, podem empreender o caminho que conduz à única senda. A felicidade suprema, a graça soberana, é reconhecer-se no outro. Tudo está à espera do despertar do coração. Tudo está à espera do despertar do ser interior. Um grupo unido pela mesma orientação pode tornar-se o espelho côncavo, com possibilidades bem mais intensas de reflexão para servir à energia do ser interior – bem mais do que as possibilidades de um indivíduo isolado. Precisamos de núcleos de energia espiritual da alma, que expandam a luz para todo o mundo! Esses núcleos formam-se independentes das culturas e das religiões. Às vezes, eles provocam a revolução mundial da alma. ☼

O sol divino de que falamos envia sete espécies de raios ao mundo perdido e decaído. Esses raios formam um espectro completo, constituído de: vermelho, laranja, amarelo, verde, azul, índigo e violeta. São os sete raios do sol divino, aos quais ligamos os alunos da Escola, de vez em quando, mediante um canto mantrâmico:

Eis que avançamos no vermelho da aliança sanguínea, vivendo do esplendor alaranjado do prana divino. Nosso é o áureo coração da glória solar de Cristo. Unidos permanecemos no verde país da esperança. Poderosamente a amplidão azul se nos abre à distância... A nuvem do Senhor, colorida de índigo, nos precede. Então a face é despojada de todo o véu, e o manto violeta dos reis-sacerdotes nos espera.

J. van Rijckenborgh, *O advento do novo homem*

Hélio conduzindo a carruagem solar – vaso ateniense, ca. século V a.C.



vagando na terra de ninguém

Uns são curiosos e simplesmente querem saber. Outros querem saber tanto quanto eles – talvez mais, e até melhor. Alguns querem adquirir um saber absoluto que vá além da verdade suprema, da mais profunda sabedoria. Quem não conhece esse desejo ardente, essa fome voraz de saber?

O ser humano gosta de saber. O saber traz segurança, organiza, protege, tranquiliza. O saber subjuga, investiga e supervisiona o caos. Saber significa ter, possuir, controlar, dominar. O saber sustenta, atua como ponto de apoio e reveste o não saber. O saber constrói um muro ao redor de si mesmo, posiciona-se como uma fortaleza nas regiões em volta do não saber. O saber impõe condições à existência. Primeiro, as materiais: manter o emprego, a saúde, um teto acima da cabeça, e também as imateriais: honestidade, justiça, autenticidade, humildade, sensatez, mansidão, equilíbrio. Se as satisfizermos, o que acontecerá? “Tudo vai dar certo”, diz o saber, de si para si. O saber tenta estabelecer nossa existência

sobre alicerces sólidos e seguros, procurando preenchê-la e completá-la. Enquanto isso, nunca muito longe, está o não saber, sempre nos corroendo silenciosamente por dentro e por fora. Desviando a cabeça ou enterrando-a na areia, procuramos proteger-nos, colocando-nos fora do alcance do não saber. O não saber, em contrapartida, é paciente e gosta de vias sub-reptícias. Um dia, acontece: ficamos mergulhados no não saber até os joelhos, até o pescoço. Imperceptivelmente, ou muito de repente, o saber nos abandona à porta das grandes questões existenciais. Quem nunca sentiu a opressão, a desorientação, a angústia, o mal-estar, a mágoa de precisar ceder, ou até mesmo a vergonha ou a dor de uma punhalada na nossa presunção, quando nossa



SOBRE O NÃO SABER E ALÉM

sede de tudo saber continua insatisfeita? De um modo ou de outro, todos nós conhecemos isto: não saber, o não saber, já não saber.

Aqui queremos deixar bem claro: não estamos falando de falta de conhecimento. Não é o não saber que provoca nosso desespero diante do manual de instruções para montar um móvel ou diante de um motor ao abrir o capô de um carro. Não é o não saber que nos deixa boquiabertos e sem respostas às questões insistentes ao nosso redor.

Não é o não saber ligado ao mundo sensorial e transitório dos fenômenos. Também não estamos falando do não saber relativo à árvore do conhecimento do bem e do mal. Não é também o caso de se falar de estupidez, de perda de memória, de diminuição de

lembranças, nem de demência. Não se trata de conhecimento barato, nem do pequeno não saber.

O não saber sobre o qual estamos falando emudece e recusa-se a colaborar quando precisamos de respostas às nossas questões impacientes sobre os assuntos mais profundos ou mais elevados.

Impulsionados pelo nosso desejo de saber, os golpes insistentes de nosso “quero saber” soam à porta. Todavia, desta vez ela continua fechada. O que pertence ao domínio do definitivo não cede diante de nossos termos.

Assim, somos confrontados com o não saber. “O não saber. Graças ao artigo definido, este não saber se torna reconhecível, determinável, identificável: ele é o não saber especial



Da mesma maneira que na cabeça humana existem dois órgãos para ouvir, dois para ver, dois para cheirar, e um para falar, e que seria vão exigir que os ouvidos falem ou que os olhos percebam sons, assim também houve épocas em que se viu, outras em que se ouviu, e outras ainda em que se cheirou. Ora, resta ainda à língua chegar a uma posição de honra completa, o que acontecerá em um espaço de tempo acelerado e que será abreviado, a fim de que o que antes foi visto, ouvido e cheirado possa agora finalmente ser falado, depois de o mundo ter dormido até fartar-se, curando-se assim da embriaguez causada por sua taça cheia de venenos e soporíferos. Então, ao raiar do dia, alegre e jubiloso, com o coração aberto, a cabeça descoberta e descalço, ele irá ao encontro do sol nascente.

Confessio Fratemitatis, cap. VIII. Imagem: Pássaro-alma egípcio ou “Bá”, ca. 330 a.C.



Temos uma bagagem repleta de saber e conhecimento, resultado de incontáveis anos de experiência, no entanto somos ignorantes quanto ao essencial. O que fazer, então?

e notável de um mundo totalmente diferente do mundo do nosso pequeno não saber. O artigo definido transforma nosso não saber em um substantivo neutro, sem lados, sem margens, aberto em todas as direções, ilimitado. Linguisticamente falando, ele transforma os polos opostos “definido” e “ilimitado” deste não saber em significante único. O artigo “o” como nome independente, como substantivo que se encontra na base, oferece estabilidade a tudo o mais; o “o” é capital, núcleo, suporte, é exatamente aquilo que ignoramos.

E perguntamos mais uma vez: “Do que se trata? Trata-se de uma resposta insuficiente às questões primeiras e últimas sobre o que é essencial? Trata-se da maravilhosa e inacessível ‘Inglaterra fechada’ da canção infantil ‘Cisnes brancos, cisnes negros!’”

*Cisnes brancos, cisnes negros!
Quem navegará comigo para a Inglaterra?
A Inglaterra está fechada
porque a chave se quebrou.
Haverá um carpinteiro no país
capaz de consertar a chave?*

O “o” como porta para a Inglaterra, o Nirvana, o outro reino, o último reino? Que chave abre essa porta? O saber? Mas qual saber?

Não qualquer saber, não o pequeno saber. Este nós já possuíamos, mas sejamos francos: neste momento nós não sabemos *mais*. *Mais*

indica uma decisão. O não saber nos empurrou para a busca do saber. Será que, depois de termos percorrido tantos caminhos, de termos acreditado tantas vezes saber, admitimos finalmente – honestamente, mas não à vontade – *nada* saber? Assim, para cada eu que quer saber a qualquer preço, chega o momento do insondável nada saber – depois de oscilar inúmeras vezes entre Caifás e Pilatos. Exausto, o eu cede. Ele começa a parar e a balbuciar. Nosso saber gagueja, e, derrotados, caímos no não saber, cujo primeiro efeito é levar-nos ao completo desespero.

Não saber! Quanto mais vasta é a superfície de nosso saber, tanto mais larga é a fronteira que toca o não saber, tanto mais aguda é a nossa consciência da extensão incomensurável do nosso não saber. Então, cada caminho, cada saber levado pelo eu até o extremo, até o pico ou até as profundezas, termina finalmente no mais profundo vale da incompletude, da falta, do vazio – quando tudo falha, quando já nada resta, nem um milímetro sequer, quando nosso saber cessa. É quando nosso pequeno saber, essa segurança tão ansiada para a defesa da existência, demonstra ser insuficiente e a saída de emergência somente traz insegurança. Temos uma bagagem repleta de saber e conhecimento, resultado de incontáveis anos de experiência, no entanto somos ignorantes quanto ao essencial. O que fazer, então? Dar um grito lancinante? Xingar? Suplicar? Fazer um silêncio glacial? Esse não saber é a reviravolta em nossa busca!

*Desce mais fundo, desce apenas
Ao mundo da perpétua solidão,
Mundo não mundo, mas que não é mundo,
Escuridão interior, privação
E destituição de toda propriedade,
Ressecamento do mundo dos sentidos,
Esvaziamento do mundo da fantasia [...]*

(T. S. Elliot, *Four Quartets*, *Burnt Norton*, III, 114–120.)

É bom manter-se calmo e sereno, sem entrar em pânico nem fugir para o porto seguro de nosso saber – geralmente nossa primeira reação. Assim, descobriremos como o não saber pode ser claro e amplo, cheio de oxigênio. É bom ficar imóvel, sem usar muletas – dar os primeiros passos trêmulos e hesitantes – e conceder-se o direito de não saber. É bom ficar imóvel nessa imensidão de ideias, ideologias, princípios e imagens. Quando o querer, o dever e o desejar tentarem de todos os modos reter-nos, quando nosso “eu” recarregar uma vez mais as baterias para uma nova investida do não saber, permaneceremos serenos e perseverantes.

*Eu disse à minh'alma: faz silêncio
e deixa as trevas descer sobre ti,
que serão as trevas de Deus.*

(T. S. Elliot, *Four Quartets*, *East Coker*, III, 112–113)

Permanecer no não saber não é o mesmo que desistir. O não saber requer ousadia incomum! O não saber significa levantar, entreabrir a porta, é sangue novo, é criar uma abertura para a renovação, para o Outro. O não saber implica perceber, ponderadamente, que neste mundo cada face tem seu oposto, cada direito tem seu avesso e todos os lados não são lados, mas procedem do Um. Seja qual for o ângulo que olhemos,

esse não saber não é um jogo. Apesar disso, poderíamos chamá-lo de divertido, relaxante, revelador, arrebatador. Seria esse o suspiro libertador do sapo inchado, demasiado cheio de saber? No entanto, é necessário cuidado! O não saber consciente origina imediatamente o perigo de imitá-lo e transformar o insondável em algo tangível. O não saber não é um plano de ações, algo a ser incluído em nossa lista de tarefas. Ele não pode ser alcançado por procedimentos recomendados na sequência correta e na direção certa. O não saber apenas surge quando o eu tentou e ansiou ao extremo alcançá-lo; ao nos curvamos – cansados, esgotados e contra a nossa vontade – diante da insignificância do nosso não saber. Não saber equivale à pobreza de espírito. O poder da matéria enfraquece. A matéria diminui. O não saber anuncia para o eu uma parada, mas esta não é a estação terminal. Não saber é como uma dobradiça, uma porta giratória, uma passagem. Ou uma transição, a qual – sejamos honestos – pode levar muito tempo e repetir-se várias vezes. O eu devorador de saber, esta lagarta, transforma-se em crisálida mediante o não saber e fica aguardando. O mais importante não pode ser “realizado”, apreendido. É necessário esperar. Não saber equivale a soltar as amarras. O não saber toma o leme e coloca-o nas mãos do Outro. No não saber residem milagre e mistério. Não saber é alegria. No não saber, buscar e encontrar cessam; nós é que somos procurados e encontrados. Esperar significa continuar. E então, inesperadamente, tomamos consciência de um saber verdadeiro, um saber de outra natureza, um saber que não provém do eu, mas do Outro. Nesse grande saber não penetra o pequeno saber, ainda que sejam inseparáveis. Aqui, nesta terra de ninguém, aguardemos a borboleta. ☼



No plano cósmico dos mistérios antigos, Osíris representa a força criadora, e Ísis, a força formadora. E é na visão de Hermes, no templo funerário secreto, rodeado de hierofantes e de magos, que o candidato descobre pela primeira vez Osíris, a inteligência suprema.

É dito, além disso, que o candidato compreende os sete raios do Verbo, o Verbo que é luz, o que corresponde a uma fase única da vida das almas. Ele percebe os sete gênios da Lua, de Mercúrio, Vênus, do Sol, de Marte, Júpiter e Saturno; ele ouve e reconhece a voz da luz. Ele lê no *Am Duat*, o livro egípcio dos mortos,

que o estado de pureza da alma (ou seja, sua capacidade de se libertar das faltas do homem material, da lagarta) determina o tempo que ele passará na barca de Ísis rumo a essa luz. Todas essas representações, traçadas de modo aproximado, mas com mão firme, e baseadas numa real compreensão, penetram sua consciência do sentido profundo que os antigos lhe davam. E ele percebe a grandeza da herança da qual participa. Uma herança que o religa aos atlantes, aos hindus, aos persas, aos babilônios, aos egípcios.

O saber tenta estabelecer nossa existência sobre alicerces sólidos e seguros, procurando preenchê-la e completá-la. Enquanto isso, nunca muito longe, está o não saber, sempre nos corroendo silenciosamente por dentro e por fora. Desviando a cabeça ou enterrando-a na areia, procuramos proteger-nos, colocando-nos fora do alcance do não saber. O não saber, em contrapartida, é paciente e gosta de vias sub-reptícias. Um dia, acontece: ficamos mergulhados no não saber até os joelhos, até o queixo. Imperceptivelmente, ou muito de repente, o saber nos abandona à porta das grandes questões existenciais.

Não saber é alegria. No não saber, buscar e encontrar cessam; nós é que somos procurados e encontrados. Esperar significa continuar. E então, inesperadamente, tomamos consciência de um saber verdadeiro, um saber de outra natureza.

ISSN 1677-2253



9 771677 225003

R\$ 16,00